

A MALHAÇÃO DO JUDAS: *RITO E IDENTIDADE**

Andreia Regina Moura Mendes

Índice

Introdução	8
1 A MALHAÇÃO DE JUDAS	14
1.1 O contexto ritual da malhação: A Semana Santa Católica	14
1.2 Primeira observação: A Semana Santa em Venha Ver	16
1.3 Judas Iscariotes na Tradição Cristã	21
1.4 Revisão Bibliográfica do ritual: no Brasil e em Portugal	24
2 Revelando o bairro das Rocas	29
2.1 Apresentando o tema	29
2.2 Historicizando as Rocas	33
2.3 Desafios da territorialidade	37
2.4 Visões e invenções sobre as Rocas	42
2.5 Inventando as Rocas	50
3 “SER ROQUEIRO “E MALHAR O JUDAS””	55
3.1 Um Judas “posudo”	56
3.2 Judiando nas Rocas: as interpretações locais do rito	69
3.3 Narrativas juvenis sobre a Malhação do Judas	72
4 CONCLUSÃO TEÓRICA: A Malhação do Judas sob o olhar da Antropologia	78

*Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre. Orientadora: Prof^ª. Dra. Luciana de Oliveira Chianca. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

4.1 Rito, ritual e suas definições	79
CONCLUSÃO	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
ANEXOS E FOTOS	92

*“Os ritos acontecem. O que é o rito? É aquilo
que faz com que um dia seja diferente dos
outros dias, uma hora, das outras horas”.*
Saint-Exupéry

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelos encaminhamentos, apoio e compreensão.

A minha orientadora Luciana de Oliveira Chianca, pela lucidez e discernimento do seu trabalho.

Ao professor Carlos Guilherme Octaviano do Valle pelas excelentes discussões e dicas.

Aos meus irmãos pela união que partilhamos.

Aos meus sobrinhos pelo carinho demonstrado de forma gratuita.

Aos meus alunos, tantas vezes amigos e estimuladores.

Aos moradores do bairro das Rocas, pela identidade tão festiva.

Ao futuro cientista social Ribamar e sua família, pois sua ajuda foi fundamental nesta dissertação.

As diretoras da Escola Estadual Presidente Café Filho, pela acolhida compreensiva e aos alunos do 6º e 7º anos pelos textos produzidos e por hora utilizados neste trabalho.

A minha amiga Zildalte Macedo, quem me encaminhou para a Antropologia.

Ao meu amigo Nilton Xavier, pela abertura de portas e janelas nas Rocas.

A minha amiga Ana Plácido Martins pelo estímulo nas horas difíceis.

Aos amigos e colegas de trabalho: Aldinida Medeiros, Ana Catarina Fernandes, Janine Galvão, Ricardo Raposo, Teresa Maricato e Sheyla Câmara, pela constante presença.

Aos colegas da primeira turma de Mestrado do Curso de Antropologia: chegamos juntos ao final.

À memória de minha avó Noemia, com quem despertei para o sentido do fenômeno religioso.

Resumo

Esta dissertação trata das representações elaboradas em torno do ritual da Malhação do Judas num bairro da zona leste da cidade do Natal e das relações construídas pelos moradores locais com o objeto ritual. O principal objetivo da dissertação é apresentar uma análise antropológica do rito da Malhação do Judas e explicitar o processo ritual e as interpretações locais dadas ao rito.

Para este trabalho são muito importantes os conceitos desenvolvidos pelos estudos de Marcel Mauss, Hebert Hubert e René Girard sobre o sacrifício. Trabalhamos com a hipótese que a Malhação do Judas é um rito sacrificial feito pela comunidade das Rocas com diversas finalidades, desde a punição simbólica do apóstolo traidor, até a imolação de vítimas focos das tensões e conflitos estabelecidos dentro do bairro.

Palavras-chave: Judas, Semana Santa, Malhação do Judas, Rocas, sacrifício.

Abstract

This work is about representations around the Mockery of Judas rite in the neighborhood of east zone at Natal city and the relationships between residents of neighborhood with the ritual object.

The most important objective in the work is to present anthropological analysis about the mockery of Judas rite and the ritual process beyond local interpretations to rite.

The concept presents in studies of Marcel Mauss, Henry Hubert and René Girard about the sacrifice are very important to this paper. We work with this hypothesis that the Mockery of Judas is sacrifice done to residents of Rocas neighborhood to many purpose, since symbolic punishment to traitor apostle till the sacrifice of victm of conflicts and tensions inside the neighborhood.

Key- words: Holy week , Judas, Mockery of Judas, Rite, Rocas, Sacrifice.

PREFÁCIO

Lembro das minhas primeiras experiências na infância com a Semana Santa. Via a minha avó materna começar uma série de rituais a partir do Domingo de Ramos. Naquela época éramos todos católicos, embora morássemos no bairro de N.S. de Nazaré, participávamos das celebrações na Igreja Católica do bairro da Cidade da Esperança. Todo aquele tempo ritual começava quando íamos para a missa portando ramos verdes para serem abençoados pelo padre local. Muitas vezes levamos Capim Santo, planta existente na frente de casa. Minha avó materna guardava as folhas bentas, para usá-las num tempo de escuridão e trevas profundas, como ela bem ressaltava, e o qual eu torcia que nunca chegasse, apesar de saber a localização exata da bolsa que mantinha as palhinhas bentas, um cordão de São Francisco¹, caixas de fósforo e velas abençoadas.

Durante a Semana Santa ela redobrava as rezas e a partir da quarta-feira dava início aos jejuns leves, até chegar às interdições do banho, da música laica, da carne vermelha e do doce na quinta-feira e na “sexta-feira maior”, termo que ela usava para definir a época na qual Jesus havia sido crucificado. Ligar a televisão e o rádio era proibido também para nós crianças, que acabávamos por achar aquele tempo também tedioso. Cresci neste ambiente católico e fui de pouca observância destes ritos pascais, mas de todos os eventos daquela Semana o que mais me chamava atenção era a Malhação do Judas.

No princípio não entendia o entusiasmo dos primos para aquela brincadeira tão agressiva para mim, desprovida de qualquer sentido prático. Percebia que as outras meninas – na maioria primas, pensavam de forma bem parecida. Na rua de cima, todos os meninos que eu conhecia entre 08 e 14 anos de idade corriam durante o dia inteiro para juntar mulambos e acessórios velhos que seriam utilizados na confecção do boneco do Judas. Malhar o Judas no bairro de N. S. de Nazaré era coisa para meninos, cabendo às meninas apenas o papel de expectadoras.

O que mais marca a minha memória daquelas Semanas Santas é a parte dita laica que envolve o período: a algazarra que tomava conta de

¹ Cordão adquirido numa viagem feita para um centro de romaria: Canindé de São Francisco-CE.

todos, crianças e adultos após a rasgação do boneco e a festa feita com o “romper do Sábado de Aleluia”. Minha família, bastante numerosa reunia-se na casa de um dos tios para festejar a chegada do Sábado de Aleluia, com direito a muita bebida, comida farta e galinhas roubadas² dos quintais dos vizinhos menos quistos. No meio de tudo surge uma questão: Mas quem estava lembrando os motivos oficiais daquele tempo ritual? Talvez apenas a minha avó, sentada na sua cama, rezando pelos seus falecidos e agradecendo a Deus pela morte do Judas e ressurreição do Cristo.

A minha entrada no catolicismo começou aos seis meses de idade, ainda não tinha cabelo suficiente quando fui batizada na Igreja de São Pedro, no bairro do Alecrim. Fui introduzida nas aulas de catecismo ainda muito cedo, mas não demonstrava os mesmos sentimentos pios que as demais crianças nutriam em relação ao credo cristão. Nas vésperas da Primeira Eucaristia, quando orientada para confessar meus pecados ao padre, perguntei para a catequista se não poderia fazer a minha confissão com a árvore do pátio da Igreja, pois sabia que a mesma estava ausente de pecados, diferente do pároco local. Cresci procurando manter a fé raciocinada, mas permanecia sem compreender os motivos que levaram todos aqueles garotos e adultos a realizarem aquelas práticas da Semana Santa, inclusive a Malhação do Judas.

Na adolescência, após receber o sacramento da Crisma, dei início ao meu afastamento da Igreja Católica e assim, comecei a procurar os sentidos dados pelas outras pessoas e também por mim ao fenômeno religioso.

A apostasia veio quando cursava a pós-graduação em Antropologia Social³, sendo o evento central para este fato o Simpósio Nacional de História sobre Inquisição. Com o distanciamento foi possível relativizar o meu próprio ponto de vista sobre o fenômeno religioso e investigar

² Esta prática era realizada apenas pelos adolescentes e homens solteiros do bairro. Consistia no furto de aves de criação dos quintais e puleiros da vizinhança. O roubo era realizado quando muitas das pessoas encontravam-se nas comemorações pelo romper do Sábado de Aleluia. Apenas no Domingo da Ressurreição a comunidade ficava sabendo dos prejuízos causados aos criadores de aves. Os ladrões nunca eram denunciados pois a prática caracterizava-se dentro do grupo, como uma espécie de brincadeira.

³ Especialização em Antropologia Social/UFRN (2003-2004).

mais sobre as representações construídas em torno dos ritos da Semana Santa.

Este trabalho assinala um reencontro meu com ritos há muito tempo vivenciados e com a experiência de bairro e de suas elaborações internas sobre os eventos sociais. O rito, de outrora incompreendido, é nesta dissertação analisado à luz da antropologia, buscando-se antes definir suas origens históricas e identificar as diversas interpretações dadas ao ritual pelos moradores de outro bairro da cidade de Natal: As Rocas.

O bairro das Rocas é o espaço para a observação do rito e dos processos de identidade construídos em torno dele. Como a comunidade interpreta a Malhação do Judas e como a mesma define suas relações com o objeto ritual são alguns elementos abordados nesta pesquisa. Uma outra questão pode aparecer na mente do leitor: Por que não pesquisar o bairro de N.S. de Nazaré? Em Nazaré a Malhação do Judas perdeu sua força na medida que aqueles garotos cresciam e outros assuntos tomavam conta de suas vidas. Quando deixei o bairro de Nazaré - como é popularmente conhecido, no ano de 1991, a celebração da Semana Santa já mostrava sinais de enfraquecimento. Não se via mais grandes festas para o romper do Sábado de Aleluia ou a mesma ansiedade na montagem e depois, malhação do boneco do Judas. Nas Rocas o rito é socialmente aprendido na infância e, como perceberemos ao longo deste trabalho, as interpretações infanto-juvenis não diferem muito daquelas elaboradas pelos adultos do bairro. Por hora, introduzo o leitor neste reencontro com o rito e suas interpretações “roqueiras”.

Introdução

O meu objeto foi primeiro por mim apreendido através dos esquemas conceituais derivados das disciplinas que norteiam minha formação: a história e a antropologia. Entretanto, esta última disciplina atuou com maior ênfase nas minhas reflexões em torno da malhação do Judas, no que Roberto Cardoso de Oliveira chamou uma “*domesticação teórica do [m]eu olhar.*” (CARDOSO, 1996, p. 15).

E como travar um encontro etnográfico com um objeto por tantas vezes observado em outros momentos? Após participar das malhações do Judas em meu bairro de infância, como tratar de forma objetiva este objeto? Estas foram às questões que me coloquei assim que me deparei com a possibilidade de explorar a malhação do Judas na pesquisa de mestrado. Bastou uma leitura atenta de um dos trabalhos de Gilberto Velho (VELHO, 1997, p. 126) para entender a possibilidade do relativismo nesta nova prática teórica e reflexiva:

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas, não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido.

Assim, em diversos momentos de minha pesquisa me deparei com os sentimentos que envolvem os antropólogos em busca das experiências que se mostram diferentes ao “mundo do pesquisador”. Por vezes me vi em situações de: “(...) *estranheza, não-reconhecimento ou até choque cultural (...)*” (VELHO, 1997, p. 127). Procurei superar as dificuldades e dar continuidade ao “processo de descoberta e análise” daquela realidade, que apesar de ter sido tão familiar para a criança, mostrava-se agora exótica diante dos olhos da pesquisadora adulta.

Assim encontramos-nos diante de um desafio que consiste em descrever o clima apresentado aos nossos olhos de observador e transmitir os significados dados por aqueles sujeitos sociais às crenças e emoções envolvidas. Desta forma, esta dissertação é um exercício de relativismo cultural, no qual se busca: “(...) *perceber o significado desse conjunto de crenças e sua importância para construções sociais da realidade em*

nossa cultura” (VELHO, 1997, p. 54). Buscaremos aqui uma “interpretação das interpretações”, analisando o rito a partir da antropologia social.

Acredito que existam temas e objetos que escolhem o seu pesquisador, causando uma relação de empatia entre ambos; Sinto-me escolhida pelo meu objeto, o rito da malhação do Judas. Meu ingresso na pesquisa antropológica se deu através do curso de especialização em Antropologia Social, quando investiguei as práticas religiosas da Semana Santa na cidade de Venha Ver. Ali me reencontrei com a malhação do Judas que conhecia há muitos anos, mas me limitei a observar alguns cortejos de bonecos pelas ruas da cidade.

E o que é a malhação do Judas? A malhação do Judas, ou “queimação do Judas”, é uma prática da Semana Santa, na qual grupos de crianças, jovens e adultos confeccionam um boneco a partir de materiais diversos e aguardam a meia-noite do Sábado de Aleluia para fazer a imolação, através de uma surra dada a este boneco, reconhecido como o Judas Iscariotes. O rito apresenta diversas hipóteses de origem, mas persiste a idéia de que o mesmo é uma “transfiguração” de outras práticas rituais mais antigas. As origens do rito serão discutidas no corpo da dissertação.

Com um novo recorte dentro de minhas pesquisas sobre as práticas religiosas oficiais e laicas da Semana Santa, busquei encontrar um novo campo, deslocando minha pesquisa da área rural de nosso Estado e definindo a cidade de Natal como *lócus* de observação para a nova pesquisa. Desta forma, cheguei até o bairro das Rocas, e iniciei a difícil tarefa de encontrar novos interlocutores para me ajudarem a solucionar as questões que eu trazia para meu novo campo.

Muitas perguntas surgiram do contato com o ritual da malhação do Judas, uma delas girando em torno das representações locais acerca da figura do boneco. Quem é o boneco? O que ele representa para o grupo que o confecciona? Quais são as relações identitárias construídas em torno do rito? Quem participa da malhação? Quais são as motivações reais e imaginárias para participar do rito? Como as Rocas expressa sua (s) identidade (s) neste ritual? Esperamos ao longo da dissertação apresentar algumas respostas e interpretações para estes questionamentos iniciais.

Observar o rito de malhação do Judas parecia muito simples, en-

tretanto logo nos primeiros momentos da pesquisa no bairro das Rocas começaram a surgir as dificuldades. Primeiro, precisamos identificar os malhadores do Judas, ou seja, aqueles que participavam do ritual, construindo ou malhando o boneco, o que constituiu-se numa tarefa delicada. Isso diferia bastante do trabalho anterior que desenvolvemos na zona rural onde a hospitalidade e espontaneidade dos habitantes tornavam a tarefa muito mais fácil. Nesta nova pesquisa, as barreiras impostas nos impulsionaram a buscar novos interlocutores, além de moradores do bairro, ex-moradores das Rocas e crianças estudantes do ensino fundamental II da Escola Estadual Café Filho⁴. Também recorremos a textos literários e à historiografia local como fonte para contextualização do bairro e das representações da cidade acerca dele.

A pesquisa de campo com os atuais e com os ex-moradores foi desenvolvida a partir de entrevistas sobre os aspectos voltados para a sociabilidade de bairro (incluindo as festas e a malhação do Judas) e a identidade local. Também nos parece importante justificar uma distinção geracional na própria natureza das entrevistas, o que se deve à separação que se opera no interior do próprio ritual, que se distingue em momentos e instantes definidos; a coleta de materiais, realizada pelas mulheres e crianças de ambos os sexos, o da confecção do boneco – realizada essencialmente por adultos, homens ou mulheres, e o da “malhação” propriamente dita, que consiste na sua destruição por crianças e adolescentes do sexo masculino.

Sendo estes momentos claramente delimitados, e com atividades de natureza oposta (criação/destruição), eles mereceram uma descrição e interpretação total, a qual não sacrificasse a compreensão do processo ritual. No entanto, já adiantamos que trata-se de atores sociais do mesmo grupo, pertencendo a gêneros ou gerações diferentes (destruir é exclusividade de menino e rapaz).

Percebemos assim que havia divisões sociais no interior do ritual, que se evidenciou quando observamos que são os meninos que correm de boneco em boneco procurando destruir o maior número possível deles, enquanto que os “criadores” sentem-se “donos” e responsáveis pelo “seu” boneco e não se interessam especialmente pelos demais.

A partir desta percepção, recorremos a entrevistas abertas para os

⁴ Ao todo, 08 moradores, 05 ex-moradores, 02 moradores de outros bairros e 23 crianças estudantes e moradores das Rocas e adjacências.

adultos, enquanto o discurso infantil sobre a malhação do Judas nas Rocas e áreas adjacentes (Brasília Teimosa e Favela do Vietnã) pode ser interpretado a partir da demanda de uma produção textual (redação) de crianças dos 6º e 7º anos⁵.

Quanto à malhação do Judas, não dispomos de estudos anteriores na área da antropologia social. Esta pesquisa esboça assim uma primeira tentativa de abordagem da malhação enquanto ritual. Procuramos aprender também as diversas interpretações locais dadas ao rito e a construção da identidade dos malhadores e moradores das Rocas.

Para tal percorremos orientações teóricas diferentes: primeiro, centramos atenção especial no fenômeno religioso, procurando elaborar uma interpretação para a malhação do Judas enquanto rito punitivo e sacrificial. Para o desenvolvimento desta hipótese foram importantes as reflexões realizadas primeiramente a partir da Escola antropológica francesa com Durkheim (1912) Mauss (1950). Os estudos desenvolvidos por Turner (1967) assim como Van Gennep (1966), mostraram-se essenciais para a definição do rito e descrição de suas fases. Em seguida, os trabalhos de Girard (1972), (1982), Mauss (1899), foram fundamentais para a elaboração da interpretação da malhação do Judas enquanto sacrifício.

Entretanto, como falar do rito na cidade sem tratar de seus sujeitos? Pensando nos protagonistas que nos emprestariam suas vozes para falar da malhação fundamentamo-nos nos estudos de antropologia urbana para definir as relações estabelecidas entre os moradores do bairro e as representações internas e externas acerca desta população. Duas pesquisas serviram de base para nossas observações de campo: o resgate do “lugar na cidade” operado por Cordeiro (1997), (1999); e as pesquisas sobre a construção do bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro através de Velho (1989), (1999).

Os principais recortes temáticos da dissertação são: o rito da malhação do Judas e a interpretação do mesmo enquanto sacrifício e que se processa em torno deste tempo ritual. Um aspecto apenas apontado em nossa dissertação e que merece uma maior atenção no futuro é a construção identitária dos moradores das Rocas que se definem como povo

⁵ Sobre o recurso de desenhos e textos infantis ver: PIRES, Flávia Ferreira. Quem tem medo de mal-assombro? Religião e infância no semi-árido nordestino. UFRJ: Museu Nacional, 2007. Tese de doutorado em Antropologia.

“muito festivo” e elaboram uma auto-referência que os diferencia dos moradores dos demais bairros da cidade de Natal. Eles se denominam “roqueiros” Apresentam a festa como o dado social mais importante para o “seu” grupo, constituindo-se segundo seu próprio ponto de vista como força de coesão e espaço- regulamentado, para as tensões e os conflitos. Temos diante de nós uma expressão: “(...) *religiosidade festiva e carnal, vivida mais teatralmente, do que sentida na solidão do foro interior, no fundo de si mesmo.*”⁶ Tal sentimento acompanha esta dissertação onde observaremos os diversos sentidos do rito, assim como ele pode ser expresso na explosão de sentidos próprios da exuberância “roqueira” há tempo proclamada pela própria literatura local.

No primeiro capítulo, intitulado “A Malhação do Judas”, apresentamos a Semana Santa enquanto contexto ritual. Procuramos localizar a origem histórica da celebração e definimos o seu calendário litúrgico. Discutimos ainda os temas comuns ao período (ressurreição e a libertação da morte e do pecado) e apresentamos algumas reflexões teóricas sobre o “drama encenado” nesta época.

Em seguida, abordamos a nossa relação com este “período ritual” e expomos a nossa primeira observação dos ritos pascais em uma pesquisa anterior no município de Venha Ver. Essa experiência é uma ilustração do nosso primeiro contato com o objeto empírico, por essa razão, acreditamos ser importante incluí-la neste capítulo.

Procuramos também resgatar a figura da personagem Judas Iscariotes dentro da tradição cristã. Para isto, utilizamos os textos bíblicos como referência para indicar as representações construídas em torno do papel de Judas Iscariotes dentro do drama da Semana Santa. Finalmente, encerramos o capítulo analisando os trabalhos e estudos enfocando o rito da malhação do Judas no Brasil e em Portugal.

No segundo capítulo propomos revelar o campo empírico (bairro das Rocas) em seus diversos aspectos: históricos, geográficos e sociais, considerando que a historiografia potiguar carece de estudos sobre o bairro. Salva a pesquisa empreendida por Luís da Câmara Cascudo, poucos são os registros que ajudam a compreender a formação sócio-cultural

⁶ PEREZ, Léa Freitas. Breves notas e reflexões sobre a religiosidade brasileira. Disponível em: www.antropoogia.com.br/arti/colab/a8-freitas.pdf. Acesso em 11.06.2007

desta área; por esta razão, recorreremos também aos textos literários para analisar as representações elaboradas para as Rocas.

Neste capítulo iniciamos nossas reflexões em torno do processo de formação identitária (desde a visão externa de “bairro proletário” até a percepção interna de “bairro festivo”) da população das Rocas. Mostramos ainda as elaborações internas e externas feitas em torno da imagem do bairro, como também os elementos definidores de uma alteridade revelada e reconhecida externamente. É no segundo capítulo que damos vozes aos nossos interlocutores e onde eles aparecem mais veementemente para nos indicar suas relações com o bairro e com as práticas socioculturais locais.

O terceiro capítulo realiza um diálogo entre os dois capítulos anteriores tratando do rito da malhação do Judas nas Rocas e das representações construídas em torno do boneco e da comunidade. Finalizando, apresentamos uma conclusão teórica no capítulo 4º esboçando uma análise do rito a partir da antropologia social.

Nesta Introdução procuramos apresentar a trajetória que fizemos até o nosso objeto e como construímos a nossa rede de interlocutores no campo de pesquisa. Temos ainda como objetivo descrever o nosso objeto de investigação, indicando quais foram as questões por nós propostas ao longo desta dissertação. Apontamos os objetivos da pesquisa realizada e as motivações que surgiram em torno do trabalho com a malhação do Judas. Por fim, indicamos nossas orientações teóricas e metodológicas destacando também o recorte temático. Apresentamos cada capítulo desta dissertação e finalizamos tecendo comentários sobre as dificuldades impostas diante do caráter inédito do tema abordado neste trabalho. Esperamos ter possibilitado ao leitor uma visão panorâmica da pesquisa desenvolvida.

1 A MALHAÇÃO DE JUDAS

1.1 O contexto ritual da malhação: A Semana Santa Católica

A malhação do Judas é um ritual católico que se inscreve nas celebrações da Semana Santa, período que marca simbolicamente a imolação, sacrifício e ressurreição de Jesus de Nazaré para a crença cristã. Festa móvel intimamente relacionada ao Carnaval, de modo geral, a Páscoa é comemorada quarenta e nove dias depois do Domingo de carnaval. Segundo Manfred Lurker (2003, p. 522-523) a Páscoa cristã tem duas raízes, uma pagã e outra judaica. Entre os pagãos era uma comemoração da primavera e seus cultos e ritos estavam associados aos ciclos lunares e solares. Como festa da primavera celebrava a entrada de um ano novo e assim foi mantida pela cultura judaica e pelos primeiros cristãos. Na Páscoa, os judeus também celebram o Êxodo-fuga do Egito, liderado por Moisés. O Domingo de Ramos celebra, na cultura cristã, a entrada de Jesus em Jerusalém durante o tempo de Páscoa. O povo judeu o recebeu acenando com ramos verdes e folhagens, sendo esta a origem para a benção dos ramos no domingo que abre a Semana Santa. Assim, o Domingo de Ramos é uma data muito importante, pois inicia as celebrações Pascais ocorrendo sete dias antes do Domingo de Páscoa. Outro dia importante neste ciclo é a Sexta-feira Santa, que acontece dois dias antes da comemoração da Páscoa. A tabela abaixo apresenta um modelo de calendário da Semana Santa.

Quadro 1
A sucessão dos dias da Semana Santa Cristã.

Domingo de Ramos	Segunda	Terça-Feira	Quarta-Feira Santa	Quinta-Feira Santa	Sexta-Feira da Paixão de Cristo	Sábado de Aleluia	Domingo de Páscoa
------------------	---------	-------------	--------------------	--------------------	---------------------------------	-------------------	-------------------

A Semana Santa encontra-se após o ciclo do carnaval, nas chamadas

“Festas do da primavera”. Os elementos simbólicos envolvidos nos apontam para a noção de morte ritual e ressurreição, símbolos estes apropriados pelos primeiros cristãos.

Segundo o Dicionário Histórico de religiões (AZEVEDO, 2002, p. 284) não existe nenhum registro de celebração da Páscoa na época dos apóstolos de Jesus Cristo. Entretanto, com a extinção da geração que viveu com o Nazareno, foi necessário fixar uma data para a celebração da sua vida e morte. Durante o Concílio Ecumênico de Nicéia, no ano de 325, a Igreja católica decidiu que a celebração dos eventos da Paixão de Cristo deveria ocorrer no mesmo dia da semana que os evangelistas apontam como a data da sua ressurreição, ou seja: o domingo da celebração da Páscoa judaica. Assim, os festejos da Páscoa cristã foram estabelecidos a partir das raízes históricas dos hebreus.

Estaríamos aqui diante de um “tempo sagrado” que cumpriria a função primordial dos ritos e das festas religiosas: a reatualização de um evento sagrado: “*O tempo sagrado é indefinidamente recuperável, indefinidamente repetível. Com cada festa periódica reencontra-se o mesmo tempo sagrado*”. (ELIADE, 1974, p. 84).

Mircea Eliade ainda aponta que a religião cristã renovou esta experiência, definindo um tempo litúrgico através da afirmação da historicidade da pessoa de Jesus Cristo e de seus contemporâneos, entre eles o próprio Judas Iscariotes que é anualmente resgatado enquanto personagem histórica fundamental para o drama da paixão de Cristo.

Riolando Azzi (1978, p. 118) define enquanto temas principais da Semana Santa: a ressurreição e a libertação da morte e do pecado: “*Desse modo, o povo vivia na Semana Santa como se estivesse revivendo uma tragédia divino-humana. Eram dias em que toda a sociedade da época se envolvia na tristeza e no luto*”.

Nos tópicos seguintes apresentaremos a nossa relação com o tema da Semana Santa e o recorte dado sobre o rito da Malhação do Judas.

servamos diversas práticas relevantes da Semana Santa, tais como a confecção de uma cruz de palha no Domingo de Ramos⁸, que é benta pelo padre local na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Retornando para casa, após a missa, as folhas e palhas abençoadas são entrelaçadas no formato de uma cruz latina que é fixada na porta de entrada (no caso, de Capim Santo), guardada para a realização de chás curativos. A população local credita diversos poderes a esta cruz de palha e confia que a mesma possa livrar a família e a casa de doenças, mau-olhado, ventos fortes e tempestades lhe atribuindo méritos e qualidades, já que a cruz seria portadora de energia benéfica e protetora⁹.

A quinta-feira que antecede o Domingo de Páscoa é marcada pela visitação entre vizinhos, parentes e afilhados portando e oferecendo alimentos *in natura* – geralmente os frutos da colheita de suas roças e sítios. Esta instituição é conhecida por “esmola” e implica necessariamente numa reciprocidade imediata, o que fortalece os laços de solidariedade e as alianças entre as famílias locais, – e nos remete à teoria da dádiva (MAUSS, 2003, p. 200-2003), já que a entrega de uma “esmola” deixa quem a recebe na obrigação de retribuir da forma que lhe convier, ou de preferência com um produto de importância simbólica semelhante àquela do produto recebido, diferentemente da esmola convencional que é um dom entre partes hierárquicas –aquele que dá não espera a retribuição do que pede- a esmola da Semana Santa em Venha Ver exige a retribuição da dádiva recebida. Enquanto permanecemos na casa de uma família da região, as “esmolas” foram chegando com as visitas que se sucederam até o horário do almoço - quando se encerram.

A Sexta-feira Santa foi o dia de um jejum maior, diferente dos praticados em outras datas. A abstinência de açúcar e de carne vermelha foi severamente observada e os incautos ameaçados pelos mais velhos com as penas do purgatório. Em conversa com Mãe Cabocla (ex-parteira e rezadeira da cidade de Venha Ver), nos foi revelado que todo o serviço de casa também estava suspenso naquele dia e que o banho era facultativo. Com 78 anos de idade, ela mesma nos disse que não tomaria banho

⁸ Mt 21:1-11.

⁹ No trabalho final da especialização em Antropologia Social, discutimos os usos e interpretações dos habitantes de Venha Ver para este hábito: MENDES, Andreia Regina Moura. Venha Ver a cruz de palha e seus poderes: uma referência ao mezuzá judaico? Natal: UFRN, 2004.

nem trocava de roupa por respeito ao sofrimento que “Nossa Senhora” Maria, estava sentido pelos suplícios do seu filho. Informou-nos ainda que, nenhuma mulher que tivesse o nome de Maria poderia tomar banho ou fazer qualquer trabalho doméstico.

Na manhã do Sábado de Aleluia nos deparamos com os primeiros cortejos de malhadores de Judas. Naquela cidade, os bonecos do Judas eram confeccionados pelas crianças e adolescentes do sexo masculino e, em seguida, levados em cortejo pelas ruas e sítios mais distantes. Os dois bonecos de Judas observados diferiam nas suas representações, das quais faremos um breve relato.

O primeiro grupo que avistamos trazia um Judas com cabeça de boneca sobre um corpo cosido a partir de uma velha manta. Sentado sozinho entre dois alforjes de couro sobre um jumento, o boneco era acompanhado por um grupo de 10 integrantes, todos do sexo masculino (com idades entre 08 aos 14 anos), utilizando máscaras de tecido ou de borracha, e vestidos com roupas de meninas, o que nos chamou atenção, pois o Judas fora composto como uma personagem feminina. Este primeiro grupo nos abordou na estrada de acesso ao centro da cidade e partiu, após pedir uma “esmolinha”¹⁰ para malhar o Judas, na qual contribuímos com alguns centavos de real. O local para a malhação foi mantido em segredo, apenas o horário foi revelado (próximo da zero hora do Domingo de Páscoa).

Arnold Van Gennep (1978. p. 150), na sua obra *Os ritos de passagem* nos oferece alguns elementos de análise para o ritual da malhação: a classificação de rito de margem pode ser aplicada ao ritual da malhação do Judas, pois o seu clímax ocorre no intervalo da meia-noite à uma hora da madrugada, como veremos adiante, também podemos relacioná-lo à definição de rito de flagelação. Segundo Gennep, os ritos de flagelação servem para exorcizar demônios, afastar o mal e a impureza, não esquecendo o seu caráter sádico.

A malhação do Judas configura-se enquanto rito liminar e ao mesmo tempo, punitivo, no qual o grupo assume a tarefa de castigar o boneco do Judas utilizando-se de várias interpretações para esta ação. Segundo o autor (GENNEP, 1978, p. 146): “*As crenças religiosas expressam*

¹⁰ Observe-se que nesse caso a “esmolina” é empregada na sua acepção mais corrente, como uma doação unilateral.

a consciência que a sociedade tem de si mesma, a estrutura social é creditada com poderes punitivos que a mantém existente”.

O grupo seguinte portava um boneco com a cabeça feita a partir de uma lata cilíndrica de óleo de cozinha, utilizando um boné e óculos escuros. O boneco (com vestimentas masculinas), também estava sobre um jumento e seu corpo havia sido preenchido com folhas secas.

Os acompanhantes de todos os bonecos de Judas caracterizavam-se com roupas velhas e sacos, usando máscaras de papel, trapos de tecido ou caixas de papelão sobre a cabeça. Todos os grupos observados eram compostos por adolescentes e crianças do sexo masculino. Eles disfarçavam as suas vozes quando abordavam as pessoas nas ruas. Todos estes elementos são enquadrados na definição de Erving Gofman (1999, p.26) sobre a crença no papel que o indivíduo está representando. Analisando o ritual da malhação do Judas dentro da estrutura dramática proposta por este autor, percebemos que tanto o uso da máscara quanto o recurso de alterar a própria voz são parte da personagem criada pelos grupos de malhadores do Judas para as suas representações dentro daquele “estado ritual temporário”: o Sábado de Aleluia.

Os participantes do grupo pediram “esmolinha”¹¹ para malhar o Judas e por essa razão, traziam uma cabaça para coletar o dinheiro que seria utilizado na malhação¹², que, ocorreria no mesmo horário divulgado pelo outro grupo.

Fazendo ainda uso da teoria de Gofman acerca da estrutura dramática, percebemos que o rito da malhação do Judas estaria dentro de uma divisão temporal, tendo o seu começo com a preparação do boneco do Judas e o seu cortejo pelas ruas e sítios. O clímax é assinalado pelo início da malhação, quando o boneco é violentamente espancado pelo grupo; e o fim, seria atingido com a queimação ou esquarteramento do boneco do Judas.

Em Venha Ver a passagem do Judas motivava sentimentos piedosos em relação a Jesus de Nazaré, representado nas casas locais através de vários ícones. Como exemplo, testemunhamos que enquanto o Judas passava num cortejo diante da casa de uma família do sítio Salgada, a proprietária da residência, uma senhora com aproximadamente 60 anos, correu e cobriu com um pano branco todas as imagens religiosas que

¹¹ Este grupo aceitou tomar um refrigerante como pagamento da esmola.

¹² A função do dinheiro arrecadado não nos foi informada.

possuía dentro de casa. Quando perguntada sobre o seu gesto, a mesma nos disse que precisava proteger o “senhor Jesus Cristo” da visão da passagem de Judas. Naquele momento havia uma personificação daquelas figuras que assinalavam por sua vez o antagonismo emblemático da Semana Santa: a luta das forças sagradas, benéficas e maléficas.

Ainda nesta residência, observamos outra prática da Semana Santa: contrariando os hábitos cotidianos daquela família, muitas horas após a refeição ainda encontravam-se sobre a mesa os restos dos alimentos, além de todos os talheres e utensílios usados pela família na última refeição. Coube mais uma vez à dona da casa nos informar que aquela era uma forma de respeito à última ceia que Jesus partilhou com seus discípulos. Segundo a mesma, tudo seria recolhido e lavado após o fim do Sábado de Aleluia e o anúncio da ressurreição de Jesus.

Esta situação nos remete novamente ao conceito de *liminaridade* apresentado por Van Gennep (1978), e desenvolvido por Victor Turner (1974), pois percebemos que a passagem da Sexta-feira da paixão para o Sábado de Aleluia marca um outro momento ritual de mesma natureza da malhação já que a mesa posta só deve ser organizada na manhã de chegada da Páscoa.

A própria figura de Judas Iscariotes partilha da condição liminar, quando a sua identidade de apóstolo e seguidor de Jesus Cristo é suprimida no tempo ritual.

Segundo Victor Turner (1974, p. 117):

Os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam a rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural.

Nos tópicos seguintes faremos uma análise histórica em torno da figura de Judas Iscariotes na tradição católica e veremos como essa ambigüidade se impõe ao personagem e à Semana Santa, e também apresentaremos as discussões já realizadas sobre o rito da malhação de Judas no Brasil.

1.3 Judas Iscariotes na Tradição Cristã

Ao longo de quase dois mil anos, a figura de Judas Iscariotes tem sido motivo de muitas polêmicas na cultura ocidental. *Yehudhah ish Qeryoth* foi um dos doze apóstolos escolhidos por Jesus de Nazaré para segui-lo em sua nova doutrina. De acordo com os textos presentes no Novo Testamento, (Mt 10:2-10):

Os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, **que foi quem o traiu**¹³.

O Novo Testamento apresenta Judas Iscariotes como o encarregado da bolsa de dinheiro, uma espécie de tesoureiro responsável pelas doações para a manutenção das atividades missionárias dos apóstolos. Em Jo 12:2-6, o evangelista narra o episódio no qual Maria, uma residente da localidade de Betânia, unge os pés de Jesus Cristo com um bálsamo e os enxuga com os próprios cabelos. A reação de Judas Iscariotes, descrita na passagem é a seguinte:

Então, Maria, tomando uma libra de bálsamo de nardo puro, mui precioso, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos; e encheu-se toda a casa com o perfume do bálsamo. Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, o que estava pra traí-lo, disse: ‘Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres?’

Isto o disse, não porque tivesse cuidado dos pobres; **mas porque era ladrão** e, tendo a bolsa, tirava o que nela se lançava.¹⁴

Assim se compõe a imagem de Judas apresentada nos evangelhos de Mateus e João, nos quais ele aparece como o “traidor” e o “ladrão”.

¹³ NT, p. 10. (grifo nosso).

¹⁴ NT, p. 88-89. (grifo nosso).

Ora, o Livro dos Salmos (55: 13,14), havia predito que um amigo íntimo do Messias seria o seu traidor e a partir do momento que Jesus de Nazaré apresentou-se como um novo *christós*, era natural que o arcabouço simbólico em torno das profecias começasse a ser utilizado.

Dos quatro evangelistas do Novo Testamento, foi Mateus quem mais se reportou a presença de Judas Iscariotes não apenas enquanto discípulo, mas principalmente como o responsável pela traição de Jesus de Nazaré.

Judas Iscariotes teria agido de forma espontânea, ou teria sido tentado pelo Satanás, negociando a vida do seu mestre com o sinédrio judeu¹⁵. O anúncio da traição aconteceu na última reunião realizada por Jesus de Nazaré com os seus apóstolos, também conhecida como a Ceia do Senhor. Nela, Jesus indicou que seria traído por um dos seus discípulos.

Ainda segundo os evangelhos, após a ceia Jesus teria reunido os apóstolos mais íntimos para orar num lugar chamado de Getsêmani, palco da sua prisão. Simultaneamente Judas Iscariotes teria-se dirigido ao sinédrio para enfim entregar o seu mestre. Depois então, ele se juntou aos demais apóstolos e mestre. Saudando Jesus, deu-lhe um beijo, sinal previamente combinado para identificá-lo para os soldados. Contam ainda os evangelhos que Judas teria recebido 30 siclos¹⁶ pela sua traição.

Após a prisão de Jesus, pode-se ler em Mateus 27: 3-5:

Então, Judas, o que traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos dizendo: ‘Pequei, traindo sangue inocente’. Eles, porém, responderam: ‘Quem nos importa? Isso é contigo.’ Então, Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, **retirou-se e foi enforcar-se**.¹⁷

O suicídio de Judas Iscariotes cumpriria com os textos proféticos do Velho Testamento¹⁸, servindo para reforçar tanto a sua imagem de

¹⁵ Conselho dos sacerdotes.

¹⁶ Moeda utilizada na Palestina. Trinta siclos era o valor de um escravo da época.

¹⁷ NT. p.28.(grifo nosso).

¹⁸ Livro do profeta Jeremias.

traidor, já predita, quanto aquela de ladrão. Nem mesmo seu arrependimento foi aceito, não restando para ele nenhuma alternativa além do suicídio ou auto-banimento.

Com a crucificação de Jesus, o trabalho de evangelização de seus apóstolos cresceu e ultrapassou as fronteiras da Palestina atingindo outras áreas do Império Romano. Se o imperador Constantino proclamou o Edito de Milão (313 AD), conferindo liberdade de culto aos cristãos, foi o imperador Teodósio quem tornou o cristianismo a religião oficial do Império Romano no ano de 395 (CORNEL; MATHEWS, 1996, p. 188-189). Desde então, coube à Igreja Católica a tarefa de sistematizar os dogmas e conferir legitimidade para alguns textos considerados canônicos, sendo tarefa do bispo Irineu de Lyon selecionar os textos produzidos pelos primeiros seguidores do cristianismo, chamando-os de Novo Testamento. Nessa “escolha” todas as versões que apresentavam versões divergentes daquela esperada pela Igreja Católica foram descartadas, permanecendo oficiais e reconhecidos como legítimos apenas quatro evangelhos: Mateus, Lucas, Marcos e João.

Quanto a Judas Iscariotes, o cristianismo construiu sua representação como a de um judeu arquetípico alimentando o anti-semitismo a partir das interpretações dos próprios evangelhos.

Entretanto, no ano de 1984 foram encontrados numa caverna no Egito manuscritos em velhos pergaminhos do século IV que trouxeram uma nova luz para a figura de Judas e foram ao mesmo tempo um verdadeiro achado tanto para a arqueologia quanto para a antropologia da religião: O evangelho de Judas.

A descoberta desses pergaminhos amplamente divulgada pela imprensa (MEYER, 2006) acendeu a discussão sobre o verdadeiro papel deste discípulo no cumprimento das profecias bíblicas e na consolidação do cristianismo no mundo, já que eles reabilitariam o discípulo como o único que teria compreendido a mensagem de Jesus.

Entretanto, mesmo que ocorra alguma assimilação desta nova mensagem por parte do credo cristão, o imaginário popular o vê não apenas como aquele que vendeu o seu próprio mestre por trinta siclos, mas também como alguém que personifica a própria ganância, traição, covardia e remorso. Veremos de que maneira sua personagem transforma-se em um boneco emblemático que representa um dilema moral univer-

sal, sentimentos e valores que expressam o conflito e a tensão entre as condutas exemplares e as fragilidades humanas.

Por personificar esta tensão social a nível coletivo, o Judas e sua malhação podem ser apresentados como um plano metafórico da própria dinâmica social das comunidades que o praticam. Apresentamos a seguir, uma revisão bibliográfica das suas múltiplas interpretações nos diversos contextos relatados pela análise sócio-histórica e antropológica do Brasil e de Portugal, antes de partirmos para a nossa etnografia sobre o Judas nas Rocas.

1.4 Revisão Bibliográfica do ritual: no Brasil e em Portugal

Da mesma forma que persiste uma lacuna na historiografia ocidental e na hagiografia católica representada pela falta de pesquisas mais elaboradas sobre o personagem histórico e discípulo de Jesus de Nazaré, a antropologia social carece de estudos e registros etnográficos sobre a “festa do Judas”, “queimação do Judas”, “brincadeira do Judas” ou “malhação do Judas”¹⁹. As informações coletadas em alguns sites e páginas da web²⁰ nos dão conta de eventos mais recentes, mas a natureza desse material nos impede de fazer um estudo comparativo sobre a evolução do rito e das motivações que conduziram os participantes da malhação nas vezes em que ele é relatado.

R. Azzi (Op. Cit. p.124) se refere a essa escassez e ainda assim lançando mais questionamentos acerca de sua construção:

Não sabemos em que época a malhação do Judas foi anexada como costume à Semana Santa, no Sábado de aleluia. Temos uma referência de fins do século XVIII em que esse

¹⁹ Diferentes denominações encontradas para definir o rito na bibliografia pesquisada e relatos coletados.

²⁰ <http://cmfolclore.vilabol.uol.com.br/bol10.htm/queimaç~ao>.

www.eca.usp.br.

www.religiosidadepopular.uaivip.com.br

ritual era celebrado na véspera São Pedro, portanto no ciclo junino.

Apesar da imprecisão em torno de quando o rito da malhação do Judas foi adotado enquanto prática da Semana Santa, para nossos fins, recorreremos às referências acerca do ritual da malhação do Judas elaboradas pelos folcloristas e pesquisadores da cultura popular; no Rio Grande do Norte, coube a Luis da Câmara Cascudo (2001, p. 91) examinar as representações construídas pela cultura popular em torno do judeu:

O povo ainda vê o judeu com os olhos quinhentistas. Vê uma figura abstrata, individualizada mentalmente, somando os atributos negativos imputados pela antiguidade acusadora. Não personaliza o cidadão do Estado de Israel e menos ainda o distingue entre os naturais do Oriente. (...). A esse judeu de estampa antiga, padronal, típico, funcionalmente desaparecido, associam imagens bárbaras, vividas na mentalidade de outrora (...).

Para o Dicionário do Folclore Brasileiro (CASCUDO, 1979, p. 417-419) redigiu os verbetes: “Judas”, “judeu” e “judeu errante”, mas não se refere à “malhação” ou “queimação” do Judas em um verbete específico. Apesar disso, o folclorista nos informa que a tradição de confeccionar um boneco de Judas durante os festejos da Páscoa tem sua raiz na Península Ibérica e chegou ao Brasil ainda no período colonial. Segundo ele, os bonecos eram feitos utilizando-se palha ou panos, sendo rasgados e queimados no final do Sábado de Aleluia.

Outros relatos foram registrados por cronistas e viajantes no século XIX, como o artista plástico francês Jean Baptiste Debret, participante da missão artística ao Rio de Janeiro durante o governo de D.João VI. Ele assistiu ao rito na capital brasileira, escrevendo posteriormente um relato sobre esta manifestação.²¹

²¹ DEBRET, Jean B. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil, II, p.196-197.



Ilustração 2: Enforcamento do Judas no Rio de Janeiro no século XIX.

Autor: Jean Baptiste Debret.

Luis da Câmara Cascudo (1979), afirma que o rito foi banido das cidades e passou à periferia²² dos centros urbanos, entretanto ele não especifica o período para esta ocorrência. Segundo o mesmo era comum pendurarem o boneco num galho de árvore ou poste de iluminação pública até o romper do Sábado de Aleluia, momento no qual o Judas seria malhado em meio a gritos e uma grande agitação.

Acerca dos motivos que conduzem as pessoas a queimarem ou malharem o boneco do Judas, Cascudo buscou explicações nos estudos produzidos sobre religião pelos antropólogos Sir James Frazer e Mannhardt. Segundo o folclorista, Judas seria a personificação do mal e a existência deste rito teria suas origens no paganismo²³, com os cultos agrários e as festas da colheita, ocasiões nas quais era queimado um boneco representando uma divindade da vegetação. Através do fogo, haveria uma renovação da vida vegetal e a garantia de boas colheitas.

Sobre a elaboração e leitura de um “testamento do Judas” escrito pela comunidade e satirizando alguns de seus participantes, Cascudo aponta a existência deste hábito na década de 1970 no município português de Augusto Severo. Se não identificamos nenhum registro de

²² Percebe-se subentendido a distância entre a “periferia” e a cidade nos anos de 1950, quando Cascudo escreveu este artigo.

²³ Para compreender as práticas rituais do paganismo: CROWLEY, Christopher. Spirit of earth. Ancient belief systems in the modern world. London: Carlton books, 2000.

“testamento” em Venha Ver, vimos que no bairro das Rocas, existe uma manifestação conhecida como a ‘Serração da Velha’, que é um testamento oral no qual se “encomenda” o falecimento premente de um participante idoso da comunidade.

O folclorista Ernesto Veiga de Oliveira (1974) tratou do rito da malhação do Judas em Portugal, lá conhecido como “queima do Judas”. Segundo Veiga de Oliveira o rito acontece na passagem do Sábado de Aleluia para o Domingo de Páscoa, quando os bonecos sempre caracterizados com traços “grosseiros e caricaturais”, são amarrados em postes de cinco a seis metros de altura, aguardando o momento para serem queimados. Oliveira aponta a presença de um testamento do Judas indicativo da “animosidade vingativa do povo” (1974, p. 75). Na sua análise, o autor afirma que o rito fazia parte dos festejos populares e se caracterizava como “mero divertimento”. Para ele, as origens, razões e elementos constitutivos atuais diferem bastante da forma como teria sido concebido o rito, pois o Judas pendurado no poste e depois queimado não representaria o apóstolo Iscariotes, o que poderia ser atestado pelas diferentes denominações que o boneco recebe em outros países europeus de diversas tradições religiosas. Para este pesquisador, que aponta na mesma perspectiva de Câmara Cascudo (1979), a personagem queimada teria sua origem em cultos proto-históricos assimilados pelo cristianismo, indicando que a personagem e a sua queima seriam originárias da celebração de outro fato, como, por exemplo, um rito de vegetação.

Veiga de Oliveira indica ainda a possibilidade de interpretação da queima do Judas como uma espécie de imolação simbólica derivada dos antigos sacrifícios humanos, como uma morte ritual na qual a personagem renova as forças da natureza seguindo a função crucial do sacrifício [que], idéia esta desenvolvida pelos estudos de René Girard, para o qual o sacrifício: “*Procura controlar e canalizar para a “boa” direção os deslocamentos e substituições espontâneas que ocorrem nesse momento*”. (1998, p. 22).

Outro folclorista brasileiro, Ático Vilas-Boas Mota (1981) dedicou-se à análise da queimação do Judas. O seu método de coleta de informações para o trabalho consistiu no envio de questionários para diversas entidades, com o objetivo de esclarecer algumas questões em torno da malhação do Judas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Se-

gundo esses dados, a “queimação” do Judas ocorreria no Sábado de Aleluia e também poderia ser chamada de “enforcamento” ou “malhação”²⁴, de acordo com cada região. Os materiais utilizados para a confecção do boneco também diferem em alguns aspectos, sendo que, no geral ocorre um aproveitamento de roupas, sapatos e acessórios velhos doados pelos membros envolvidos no grupo de malhadores do Judas. De acordo com sua pesquisa, a participação no rito envolve todas as faixas etárias do sexo masculino.

No seu estudo, Vilas-Boas Mota informa que o rito tem remotas raízes históricas. Ele defende a tese de que a malhação do Judas se caracteriza enquanto “resíduo folclórico”²⁵, apresentando-se como uma “transfiguração cultural” de outras práticas históricas, nesse caso uma sobrevivência dos autos de fé (BETHENCOURT, 2000, p. 27) da Inquisição portuguesa. Para ele a malhação do boneco é um vestígio da prática inquisitorial de queimar a representação de um condenado que tenha morrido antes da aplicação da pena, punição conhecida por “queimação em efígie”, ou seja, morto o antes da aplicação da pena, o Tribunal do Santo Ofício providenciava um boneco do mesmo, em tamanho natural para ser queimado em praça pública.

Acerca da dinâmica funcional da malhação do Judas, Vilas-Boas Mota (1981) afirma que a mesma pode ser interpretada como um rito sacrificial de caráter expiatório, retomando a tese de Girard sobre o sacrifício (Op. Cit. cap. I), que será debatida adiante nessa dissertação. Ainda segundo Mota, os bonecos são representações de personalidades públicas, moradores locais e políticos, ou seja, todo aquele que possa ser identificado como alguém pouco querido dentro da comunidade. Por isso, a elaboração e leitura de um testamento do Judas são comuns, antecedendo a sua malhação.

Outra manifestação apontada por Mota e por nós conhecida nas Rocas (Natal-RN) é a Serração da velha, descrita por ele como um ritual do Sábado de Aleluia, no qual um grupo de jovens põe-se diante da porta da casa de um idoso do bairro (ou localidade) e começa a serrar madeira e paus numa referência ao preparo do caixão que vai transportar a pessoa até o cemitério. A brincadeira era sempre interrompida quando o (a)

²⁴ Notamos que de fato essas denominações se confundem tanto na bibliografia quanto nos relatos locais em Natal-RN.

²⁵ Hábito que sobrevive transfigurado culturalmente.

idoso (a) abria sua porta e despejava urina, ou atirava objetos no grupo que partia da frente de sua porta em grande agitação e alegria.

Em nossa pesquisa de campo, soubemos que essa manifestação ocorria também no bairro das Rocas, como será descrito a seguir. No Rio Grande do Norte, além de Câmara Cascudo, não encontramos nenhum registro contemporâneo acerca da malhação do Judas²⁶, apesar da imprensa apresentar anualmente notícias acerca da malhação do Judas em Natal.

No domínio coreográfico/espetacular, ainda sobre o tema do Judas, temos a referência de um grupo folclórico chamado “Caboclinhos: malhação do Judas”, originário do município do Major Sales (Oeste do RN) que apresenta uma dança na qual o boneco do Judas é figura central. Os homens adultos dançam e cantam entoadas, vestindo-se com máscaras e trapos, semelhantes aos encontrados entre os malhadores do Judas no município de Venha Ver. Neste caso, o Judas é “malhado”, após ter permanecido na roda enquanto os dançarinos fazem sua apresentação.

2 Revelando o bairro das Rocas

2.1 Apresentando o tema

A chegada de um antropólogo ao seu novo campo, seja ele teórico ou etnográfico é sempre marcada por uma trajetória acadêmica mas, também pessoal, aproximando-o de seu “objeto” empírico. A minha trajetória não é diferente, mas foi muito mais curta do que a de outros pesquisadores. Desta forma foi também mais difícil.

Partindo de uma formação anterior em História, e a partir de minha vivência no curso de especialização em Antropologia Social optei por pesquisar sobre religiosidade popular e ritos da Semana Santa. Meu primeiro campo empírico foi na cidade de Venha Ver, localizada na Sub-

²⁶ Em sua obra, Espaço e Tempo do folclore potiguar (2001), Deífilo Gurgel não apresenta nenhum registro sobre estas manifestações populares: a malhação do Judas e a serração da velha.

zona das Serras úmidas, micro-região da Serra de São Miguel, a cidade fica 463 km distante da capital do estado, possuindo uma área de 71, 62 km². Segundo o Censo demográfico 2000, sua população gira em torno de 3,422 habitantes²⁷.

Fui levada a este município pela curiosidade em investigar antigas práticas presentes na comunidade, ditas de origem marrana, também denominados de cristãos-novos. Tive contato com estas informações a partir da mídia escrita²⁸ que divulgou o interesse de um rabino americano pelos hábitos culturais dos moradores de Venha Ver.

Durante os anos de 2003 e 2005 realizei viagens de campo ao município, coletei informações, material escrito e dez entrevistas dadas pelos moradores locais em diferentes festejos: Festa da Padroeira Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (2003), Semana Santa (2004/2005) e Festas Juninas (2005).

Escolhi estes festejos por propiciarem eventos que reuniam os moradores das diversas áreas do município. Além do mais, a festa é um excelente locus para observação de como os homens se interligam em grupos e instituições e para a análise dos processos gerados por estas relações em sociedade. Nas palavras de Carlos Rodrigues Brandão:

A festa é uma fala, uma memória e uma mensagem. O lugar simbólico onde cerimonialmente separam-se o que deve ser esquecido e, por isso mesmo, em silêncio não-festejado, e aquilo que deve ser resgatado da coisa ao símbolo, posto em evidência de tempos e tempos, comemorado, celebrado. (1989, p. 08)

A partir dos dados e análise dos depoimentos coletados, percebemos a ausência de uma identidade marrana suficiente autônoma para ser aceita como partilhada por todo o grupo. As práticas religiosas,

²⁷ IDEMA: Anuário estatístico, 2004.

²⁸ Cidade do RN preserva tradição judaica. Folha de São Paulo. Domingo, 25 de julho de 1999.

Venha Ver preserva tradições judaicas. Gazeta do Oeste. Domingo, 1º de agosto de 1999.

A presença forte do judaísmo em Venha Ver. Tribuna do Norte. Domingo, 1º de agosto de 1999.

incluindo rezas e hábitos diferenciados fazem parte do que alguns estudiosos caracterizam enquanto “catolicismo popular”, afastando a possibilidade de uma origem judaica para os sentidos e significados dados àqueles costumes pela população de Venha Ver.

Segundo Pedro Assis Ribeiro de Oliveira, em artigo publicado na Revista Eclesiástica Brasileira: (...) *catolicismo popular é aquele em que as constelações devocional e protetora primam sobre as constelações sacramental e evangélica*” (1972, p. 354). Dentro desta perspectiva são as festas, orações e procissões organizadas pelo próprio povo que renovam os seus laços com o sagrado, fora da esfera de atuação das autoridades religiosas ou dos ditames dos evangelhos e concílios.

A possibilidade de continuar as minhas investigações em torno da religiosidade popular e de suas manifestações permaneceu acesa com a entrada no mestrado em Antropologia Social. A idéia era continuar no mesmo campo e aprofundar as questões levantadas durante a especialização no trabalho anterior.

Assim, preciso deixar explícita minha recente relação com o objeto empírico de minha dissertação com o qual comecei a travar conhecimento a partir do mês de outubro do ano de 2005. Iniciei meu trabalho levantando dados sobre a queimação do Judas em toda a região Nordeste, entretanto, apenas me deparei com monografias nas áreas do Folclore ou da Comunicação Social.²⁹

Na Antropologia Social não havia nenhuma produção significativa sobre o rito da Malhação do Judas. Tal limitação de fontes de pesquisa e de estudos analíticos ou descritivos sobre o rito me motivou para a realização de um trabalho inédito e relevante, pois tal ritual é encontrado em todo o país e com uma presença regular em cidades, como Natal, assim como na Zona Rural.

O campo empírico dessa pesquisa também se constituiu como um desafio, quando me questionei sobre a continuidade da minha pesquisa etnográfica em Venha Ver (2005). Com um fraco apoio da administração municipal e sem meios de locomoção no município, temi pela qualidade do trabalho de campo e procurei amadurecer a idéia em torno de como solucionar esta dificuldade. Enquanto isso, revisei o mate-

²⁹ Ver: CASTELO BRANCO, Samantha. *Novela de Judas sem a morte da cultura popular: a convivência entre os sistemas culturais*. In: *Comunicação e sociedade*. São Bernardo do Campo: UMESP, nº 27, 1997. p. 123-135.

rial teórico e aprofundei a leitura na área de ritos e religiosidade com o campo ainda suspenso. Apenas em março de 2006 decidi explorar o tema dos ritos pascais na cultura popular com outro recorte e novo campo empírico.

Naquela mesma semana, interpelei alguns colegas de trabalho que moravam em bairros populares da cidade de Natal sobre a existência do rito da Malhação do Judas durante os festejos da Semana Santa. Desta forma comecei a pesquisar qual seria a Zona ou bairro da cidade da nossa cidade que poderia me oferecer os elementos necessários para o estudo sobre este rito da Semana Santa em particular.

É necessário ressaltar as angústias desta fase, quando eu precisava definir não só um novo espaço, mas redimensionar meu projeto e buscar novas leituras dentro da chamada antropologia urbana. A observação dos ritos religiosos em área rural ou em pequenas localidades difere da dinâmica social que cerca esta mesma observação no espaço urbano, sendo este um novo elemento de preocupação para mim.

Um colega e professor do ensino superior me indicou o bairro das Quintas como uma área que concentrava alguns grupos de malhadores. Assim parti para descobrir se o fenômeno tinha uma presença significativa dentro da comunidade e ouvi de moradores do setor do Carrasco que há muito tempo o costume havia perdido a sua força, constituindo-se como um fato isolado e de pouca expressão.

Com grandes suspeitas e inquietações em torno do campo empírico no bairro das Quintas, optei por continuar consultando colegas e amigos sobre a presença da malhação na Semana Santa. Dias depois desta primeira conversa, outro professor e colega de mestrado indicou o bairro das Rocas e me entregou o contato da sua funcionária, D. Sônia³⁰. A minha primeira interlocutora sobre a Malhação de Judas nas Rocas morava no bairro há mais de 30 anos.

Este colega de mestrado passou parte de sua infância nas Rocas e lembrou da malhação do Judas como algo muito presente no bairro, capaz de mobilizar os jovens e velhos. Dona Sônia, que havia sido sua funcionária e ainda prestava alguns serviços para sua família, percorreu algumas ruas conosco e nos mostrou os locais freqüentes da malhação ou queimação do boneco.

A partir destas primeiras visitas pude realizar o primeiro recorte da

³⁰ Os nomes dos informantes são fictícios.

minha pesquisa. Através dos depoimentos de moradores das Rocas, percebi que a fala mais forte era em torno da disputa e dos conflitos entre as escolas de samba e diferentes áreas do bairro. A malhação do Judas ficava em segundo plano dentro dos discursos e as tensões da comunidade eram ressaltadas pelos interlocutores. Desta forma, comecei a perceber outra nuance do meu trabalho que não passava apenas pela Semana Santa com o rito da malhação. Assim, a dissertação recebeu um novo título: “A malhação do Judas: rito e identidade”.

A experiência de campo no ano de 2006 não foi satisfatória para atender às demandas que surgiram com a abertura de outros recortes e após novas leituras teóricas, o que me impulsionou ao retorno para o bairro durante os meses seguintes: de março até maio de 2007.

Por diversas vezes, fui interpelada sobre o meu novo campo de pesquisa, e quando anunciava que este havia sido deslocado da cidade de Venha Ver para o bairro das Rocas provoquei muitos comentários e palavras de alerta sobre a nova área escolhida para este trabalho. A estereotipia é o que mais acompanha o bairro. As visões externas o caracterizam como espaço para prostituição, consumo de drogas, abrigo para ladrões e desocupados em geral. Neste capítulo, procuro apresentar as diversas construções sobre o bairro das Rocas, desde sua formação oficial, até as visões internas e as externas sobre esta área.

2.2 Historicizando as Rocas

A antropóloga portuguesa Graça Índias Cordeiro levantou interessantes questões sobre o que é o bairro:

(...) será o bairro uma entidade virtual, uma tradição inventada com um valor simbólico indiscutível para os seus habitantes, é certo mas sem qualquer correspondência a um colectivo localmente estruturado? Ou pelo contrário, será um lugar antropológico, identitário, relacional e histórico, no sentido dado por Marc Augé?³¹

³¹ CORDEIRO, Graça Índias. Territórios e identidade: sobre escalas de organização sócio-espacial num bairro de Lisboa. In: Estudos históricos. Sociabilidades. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2001, nº 28.

Percebendo as Rocas a partir da segunda perspectiva apontada pela autora, procuramos apresentar o bairro em seus variados aspectos, partindo da história oficial para os depoimentos daqueles que tiveram uma trajetória no bairro, de relatos locais sobre a vida nas Rocas, além da análise de textos literários e da observação direta sobre a dinâmica do bairro.

As Rocas localiza-se na Zona Leste da cidade de Natal, RN, limitando-se ao Norte com o bairro de Santos Reis, ao Sul com os bairros da Ribeira e Petrópolis, a leste com Praia do Meio e Santos Reis e a Oeste com a Ribeira. Sua área equivale a 66, 10 (HA), sendo sua população estimada em 10. 055 habitantes³².

Segundo os dados da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo³³, o bairro das Rocas conta ainda com uma localidade chamada de Canto do Mangue, importante área para a comercialização do pescado na região da cidade de Natal. Também compreende a área de Brasília Teimosa e a favela do Vietnã.



Ilustração 3 – Mapa da cidade de Natal e seus respectivos bairros. As Rocas aparece no quadro com o número 9.

³² Estimativas do Censo Demográfico 2000.

³³ SEMURB

O início do povoamento da área que compreende parte das Rocas é anterior ao século XIX. Esta região teve sua formação enquanto espaço habitado ainda no final do século XVIII. Por volta de 1769, a região era conhecida como Limpa, caracterizando-se por um arruado habitado por pescadores moradores da parte mais alta da localidade, hoje chamada Rua do Areal.

Discutindo a formação dos bairros da cidade do Natal, o pesquisador Luis da Câmara Cascudo (1980) caracterizou o bairro das Rocas enquanto “bairro exterior”. Segundo o conceito discutido por Cascudo:

O bairro exterior é uma aglutinação marginal, fixada no cinturão da cidade [...] a zona pobre, produtora, lar de trabalhadores, em constante evolução para melhoria nos materiais de construção, aformoseamento, retificação de alinhamentos, tornando-se pequenos núcleos que não se dissolvem na fusão urbana mas, se articulam ao organismo central citadino.

Segundo Cascudo, o primeiro topônimo da região foi Limpa, referência que já teria aparecido em documentos de doação no ano de 1769. Com a fixação da população de pescadores, a área mais elevada passou a ser chamada pelos mesmos de Rocas, topônimo que foi adotado ao longo do final do século XIX com a abertura das obras do Porto de Natal.

As obras no Porto de Natal-RN, iniciadas em 1892, abriram uma frente de trabalho que recrutou diferentes tipos de operários. Estes, vindos de outros municípios do Estado do Rio Grande do Norte, fixaram-se nas Rocas dando impulso ao crescimento do Bairro. Logo, um setor de serviços foi instalado para atender às necessidades destes trabalhadores. O arquiteto João Maurício Fernandes de Miranda (1999) cita em seu livro:

Com a instalação das obras do porto, em 1892, tomou impulso o povoamento das Rocas, Areal e Montagem (como foi chamado o canteiro de obras do porto), onde anteriormente foi o hangar do Sindicato Condor e, posteriormente, a estação de hidroaviões da Panair do Brasil, hoje chamada de Rampa.

No início do século XX, a abertura das oficinas da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte atraiu outra leva de trabalhadores especializados que procuraram instalar-se nas proximidades da obra, acrescentando maior número de habitantes ao bairro das Rocas.

Assim, a vocação proletária da localidade está inscrita em sua origem histórica: primeiro com a instalação das ruelas de pescadores³⁴ ainda no século XVIII. Segundo, com a vinda dos operários especializados para os serviços nas obras do Porto da cidade de Natal, na segunda metade do século XIX, e finalmente, com a abertura das oficinas para a execução das obras da Ferrovia. Nas décadas seguintes, estes setores continuaram atraindo uma população pobre com um grau de escolaridade muito baixo, que dinamizou as atividades do bairro e expandiu sua área habitada.

Outro aspecto a ser destacado é a constante relação do bairro das Rocas com a vizinha Ribeira. A própria população natalense do começo do século XX chamava de canguleiro (comedor de um peixe chamado cangulo), os moradores nas Rocas e Ribeira, sem fazer nenhuma distinção entre as duas áreas. Assim, é importante destacar a ausência de uma linha demarcatória precisa, seja ela física ou simbólica, entre os terrenos da Ribeira e das Rocas. A fotografia abaixo serve pra apontar esta questão.



Panorâmica da Ribeira e Rocas

Ilustração 4: Fotografia do início do século XX apresentando uma panorâmica da Ribeira e Rocas.

Fonte: Carlos Lyra

³⁴ Os pescadores buscavam seu pescado na área do Atol das Rocas, sendo esta a possível origem do atual topônimo.

2.3 Desafios da territorialidade

Com uma primeira caminhada pelas ruas do bairro das Rocas já podemos caracterizar os seus moradores. Cedo do dia, trabalhadores caminham para os pontos de ônibus e aguardam sua condução coletiva para o serviço: alguns são empregados do setor do comércio e atuam na Cidade Alta e outras áreas de compras e serviços da cidade, como a área comercial da Zona Sul e o comércio de caráter mais popular do bairro do Alecrim. Outros se encaminham para os bairros ditos de “elite” para executar seus ofícios de porteiros, vigias, faxineiras, entre outros, nos vizinhos Petrópolis e Tirol.

Donas de casa circulam em todos os horários do dia, seja nas compras diárias nos mais de trinta e cinco³⁵ mercadinhos do bairro, na Feira e no Mercado das Rocas ou “tirando uma horinha” para a conversa na calçada de alguma conhecida. No meio da tarde, vemos pescadores retornando do mar e portando suas redes e outros apetrechos de pesca.

Com a proximidade da noite aumenta a circulação de adultos costumeiramente identificados como “desempregados”, “prostitutas” e usuários de drogas também minoritários mas visíveis em outros horários no bairro; esta população confere uma visão externa negativa em torno das Rocas.

A população das Rocas, segundo dados do IBGE³⁶, tem na sua composição 4.847 homens e 5.678 mulheres. A estrutura etária da população do bairro apresenta um percentual de jovens equivalente a 35,16% entre 00 aos 19 anos. Somados aos jovens entre 20 e 29 anos de idade, temos um percentual de 51,87 % de jovens na composição etária do bairro. A população adulta, dos 30 aos 59 anos perfaz 35,82% dos moradores. Com uma população de forte presença jovem, o bairro carece de equipamentos de lazer suficientes para atender à sua demanda: segundo relatório da SEMURB, o bairro conta com uma quadra de esportes e sete praças espalhadas pelas Rocas, algumas em péssimo estado de conservação³⁷.

³⁵ Os dados quantitativos apresentados neste capítulo foram extraídos do relatório elaborado pela SEMURB: Conheça melhor o seu bairro: Rocas. Natal, 2005. (Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo).

³⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2000.

³⁷ SEL-2004

Em relação à educação, as Rocas possui uma creche, cinco escolas estaduais, sendo uma de ensino médio e quatro de ensino fundamental e três escolas particulares³⁸, também de ensino fundamental. Os equipamentos de saúde consistem numa clínica “popular” privada³⁹, uma unidade de saúde familiar, um centro clínico e um pronto socorro⁴⁰ (esses três últimos públicos).

O bairro conta com 16 linhas de ônibus que circulam por toda a sua extensão e fazem diversos trajetos cortando a cidade em todos os sentidos. Quem mora nas Rocas e precisa deste serviço não reclama da falta de condução em todos os horários, e assinala este como um ponto favorável para a vida no bairro.

Outro aspecto apontado como positivo pelos moradores das Rocas é a localização do bairro, próximo ao centro de comércio da Cidade Alta e à Praia do Meio. Conversando com um morador local, o mesmo chegou a dizer que se orgulhava de desfrutar de tão boa localização, pois bastava uma caminhada e chegaria ao Centro da Cidade ou à praia.



Ilustração 5: Mapa das Rocas.⁴¹

³⁸ SECD-2004 (Secretaria de Educação, Cultura e Desporto).

³⁹ Consultório médico com diversas especialidades e com preços acessíveis para àquela população.

⁴⁰ SMS-2004 (Secretaria Municipal de Saúde).

⁴¹ Op. Cit. p. 129.

O bairro conta ainda com uma vida associativa bastante intensa, sendo este um dos elementos definidores da identidade do bairro. Podemos constatar em nossa pesquisa como as organizações espalham-se pelas Rocas e dividem-se entre as instituições de apoio ao idoso, clubes de mães, associações carnavalescas e esportivas, cooperativas e conselho comunitário. O bairro abriga duas associações de moradores: Associação de Moradores das Rocas e a Associação de Moradores e Amigos das Rocas, além do Conselho Comunitário das Rocas e Colônia Cooperativa dos Pescadores de Natal. Na Rua São João de Deus existem sete clubes de mães funcionando no mesmo endereço, além de outros dois em ruas diferentes. Também possui três Grupos oficiais de assistência e sociabilidade de idosos: o grupo Sagrada Família, o São Vicente de Paula e Nossa Senhora dos Navegantes.

Todos os nossos interlocutores apontaram o carnaval, a Semana Santa e as Festas Juninas como períodos emblemáticos para esta identidade festiva. Uma de nossas interlocutoras nos relatou:

No carnaval há tantas escolas de samba, elas desfilavam pelo bairro antes de irem para a avenida, e também depois da vitória, pois lembro que quando não era o Balanço do Morro, era a Malandros do Samba que venciam o carnaval, como é até hoje praticamente.

Para esta interlocutora, ex-moradora das Rocas, outros eventos associativos marcavam a vida social do bairro:

Além das duas escolas já citadas, havia também “Os Crioulos do Samba” formado só por homossexuais, era uma diversão vê-los fantasiados de mulher, muitos deles nossos conhecidos do dia-a-dia. Havia também os índios e a famosa bagunça de PV⁴² que sai todos os dias de carnaval pelas ruas do bairro. As festas juninas também têm presença nas Rocas, são formados diversos arraiais, e algumas vezes os “noivos” desfilavam de charrete pelo bairro.

⁴² P. V.são as iniciais do nome de um morador das Rocas que fundou um pequeno bloco de carnaval com a presença de seus familiares. Hoje a “Bagunça do P.V. reúne, segundo os relatos mais de mil foliões pelas ruas do bairro.

Outro relato aponta para as mesmas festividades como aspecto integrativo e formador da vida social:

No carnaval, os moradores participavam das escolas de samba, tribos de índios e bagunças, alguns se fantasiavam de papangú apavorando as crianças.

Na Semana Santa o hábito católico de consumir pescados aumentava o movimento no Canto do Mangue, havia também a malhação do Judas. O mês de maio era marcado pelas novenas e terços diante da imagem da Virgem de Fátima, a santa cumpria um circuito pelas casas dos devotos e as famílias rezavam, acendiam velas e enfeitavam de flores o altar improvisado. Em junho costumava-se decorar algumas casas com bandeirinhas e balões feitos de papel de revista, preparava-se a comida típica à base de milho e as fogueiras se multiplicavam pelas ruas às vésperas dos dias dedicados aos santos juninos.

Essa parece ser a qualidade associativa mais característica das Rocas: as organizações em torno do carnaval e de outros eventos festivos, como a Semana Santa e as festas juninas. As Rocas participa ativamente do carnaval da cidade de Natal e dos desfiles organizados pela Prefeitura da cidade a partir de suas duas maiores escolas: G.R.E.S Malandros do Samba e a G.R.E.S Balanço do Morro⁴³. O bairro conta ainda com um grupo chamado Tribos de Índios Potiguares e uma Sociedade de Danças Antigas e semi-desaparecidas de Natal. O carnaval é no presente a festa que apresenta com maior sucesso a visibilidade desse bairro para o conjunto da cidade e é aquela na qual os seus adeptos investem de forma mais organizada desde pelo menos a década de 1930. Durante o carnaval as escolas públicas servem de galpão para agremiações de samba para o ensaio dos passistas, sambas, a confecção das fantasias e ensaios dos toques de bateria.

⁴³ Escola vencedora do Carnaval 2007 com samba enredo em homenagem à cantora potiguar Marina Elali.



Araruna

Ilustração 6: Registro fotográfico dos participantes da Sociedade de danças antigas e semi-desaparecidas de Natal⁴⁴.

Fonte: Carlos Lyra.

O Carnaval é também a festa que melhor expressa a identidade do bairro das Rocas. Na historiografia podemos encontrar alguns registros sobre a participação das Rocas no carnaval da cidade de Natal ainda no ano de 1935. Através de recortes de jornais da época que tratam do carnaval na cidade e das diferenciações sociais, já bem acentuadas naquele período:

(...) para o desgosto das autoridades que se propunham a disciplinar o carnaval, algumas agremiações carnavalescas insistiam em percorrer os bairros periféricos da cidade, não comparecendo ao ‘desfile oficial’ na avenida Rio Branco:

O bloco Bambas das Rocas convida todos os blocos carnavalescos para realizarem uma parada carnavalesca nas Docas do Porto, saindo depois em passeata pelas ruas da cidade. Sede: Rua Pereira Simões, 79, no bairro das Rocas. (PEDREIRA, 2005. p. 67).

⁴⁴ Lyra, Carlos. Op. Cit. p. 44.

[...] Bambas das Rocas promete fazer miséria assaltando a torto e a direito todas as residências de capitalistas da cidade: João Galvão Filho, Floriano de Sá Peixoto, Dr. Oswaldo Ribeiro, Antonio Fontes e Cap. Sólon Andrade. Não resta dúvida que os bairristas são os melhores animadores do bulício. Não fossem os foliões das Rocas, Alecrim, Petrópolis, Tirol etc. pouca, talvez, seria a graça de nossas festas carnavalescas.⁴⁵

As festas do ciclo junino também possuem grande expressão no bairro onde acontecem dezenas de arraiais anualmente e isso pelo menos, desde a década de 1960, marcando uma natureza festiva bastante diferenciada do carnaval, sendo até caracterizados como: "(...) *uma festa criativa, descentralizada e independente dos poderes públicos*". Ainda segundo Chianca (2006. p.77) o São João nas Rocas é a festa do migrante do interior do Rio Grande do Norte. Pela sua inscrição sócio-econômica, a festa nas Rocas é considerada- desde o início do século XX- como um São João proletário, o que não atraía os moradores de outros bairros. Vemos assim como esses eventos anuais marcam a identidade deste bairro tanto sobre o eixo da origem migratória quanto pela sua inscrição urbana presente.

A questão dos limites e fronteiras identitárias dos seus habitantes, será melhor discutida no próximo tópico, onde conheceremos as visões externas e internas construídas em torno do bairro das Rocas, articulando com os demais setores da cidade.

2.4 Visões e invenções sobre as Rocas

Segundo a antropóloga Graça Índias Cordeiro:

Os bairros são realidades dinâmicas, que se criam e se re-produzem de acordo com vivências e representações partilhadas, num entrelaçado complexo de determinações: sócio-profissionais, culturais, administrativas, territoriais. (1997, p.74).

⁴⁵ Jornal A República in: PEDREIRA, Flávia de Sá. Op. Cit. p. 95-96

O bairro das Rocas mostra sua dinamicidade, não só pela diversidade de expressões culturais, como pela intensa e complexa rede de sociabilidades que se articula às suas manifestações, mas também pelos sentidos que seus moradores atribuem às suas práticas cotidianas.

Suas características históricas, sócio-profissionais e econômicas permitem-no caracterizá-lo como um bairro “popular” e “proletário”. Essa definição, por isso, arbitrária é comungada pelas percepções e estereótipos construídos pelos outros habitantes da cidade que a tratam com indiferença. As Rocas permanece para a maioria dos moradores da cidade de Natal como um bairro invisível⁴⁶, ganhando visibilidade (e certa notoriedade) apenas a partir de sua mobilização em torno das festividades locais (como o carnaval, a Malhação do Judas e as festas juninas), ou mais cotidianamente nas páginas policiais dos jornais de nossa capital.

Como modalidade de expressão sócio-cultural, a literatura pode ser útil à nossa investigação por fornecer uma visão externa- das elites intelectuais locais- acerca desse bairro. A literatura do Rio Grande do Norte nos fornece poucos registros ou referências sobre as Rocas, dentre os quais escolhemos três autores para apresentar as visões externas sobre o bairro das Rocas. A poetisa Palmyra Wanderley, lançou no ano de 1929 sua coletânea de versos chamada *Roseira Brava* (WANDERLEY, 1965, p. 26-28) na qual ela apresenta o poema *Sinhá Rocas*. Nele podemos observar a ênfase romantizada e atribuída pela poetisa à destacada vocação proletária do bairro, a partir das personagens apresentadas no seu texto, como os pescadores, jangadeiros e a rendeira. As suas impressões relativas às sociabilidades do bairro na primeira metade do século XX são ali descritas com bastante precisão: no seu texto existem contadores de histórias, brincadeiras infantis nos morros e na praia, a presença das festividades juninas, da música e das participações nos ritos religiosos na capelinha do alto da colina, hoje Igreja da Sagrada Família. Vejamos o que o poema nos apresenta:

⁴⁶ Para a ampliação do conceito de “bairro invisível”, sugerimos a leitura de: CORDEIRO, Graça Índias. *Um lugar na cidade: cotidiano, memória e representação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

Sinhá Rocas

*À beira da água
Nasceu um dia,
Ninguém estranhe,
Linda praieira
Tão desditosa,
Nasceu sem mãe...
A água salgada
Da maré rente
Encheu-lhe a boca...
E ela nem pôde chorar, coitada!
Com a boca cheia de água salgada,
Que ainda amarga na sua boca.*

*Cresceu sozinha, pobre garôta,
Corre na praia, sempre vagando;
Deita na areia com os moradores
E passa os dias assobiando;
Escuta histórias da Carochinha
Na lua cheia,
Sobre as jangadas dos pescadores.
Brinca nos morros
Com a meninada
Mancha, Ciranda, Pinicainha
Da barra de vinte e cinco,
_ “Mingôrra, Mingôrra,
Tira essa mão que já está na fôrra”.
“Bôca de forno tirando bolo
Para a avozinha”.*

*Veste vestido de algodãozinho,
Vive uma vida bem desigual
Canto do Mangue, Reis Areal!
Mas, todos gostam de Sinhá Rocas,
Comendo peixe, com os pés na areia,
Mesmo vestida com seu vestido colonial.*

Alguém lhe disse , num tempo dêsses:

– “Toma a meada para fiar”.
E ela, coitada, passando fome,
Foi trabalhar.
E fêz tresmalhos, fêz longas rêdes,
Para pescar..
Ninguém chame de preguiçosa,
Que ela não é.
Não é verdade.
Olhem as jangadas
Como vêm cheias
De muito peixe para a cidade.
As velas todas que ela cerziu,
Noites inteiras, sem cochilar,
Como são brancas, à beira da água,
Da água do mar.
Se todos vissem enroladinhas
Na compostura de uma oração...
Lembram vergôntes de lírios brancos,
Em floração.

Foi certo dia que vi contar
Que Sinhá Rocas
Já tem vestidos para mudar.
Já calça meias, põe charpa ao ombro,
Flor no cabelo, maracujá.
Canta modinhas ao violão
E faz fogueiras,
Na noite santa de São João.
Prega lanternas, solta balão.
Sabe a doutrina, faz comunhão.
Vai sempre à missa
Todo domingo,
Na capelinha
Lá da colina.
Horas inteiras, fazendo renda,
Põe-se a cantar.

*É muito nova
Mas, já namora para casar.*

*Um namorado cá da cidade,
Da flor amarga procura o mel...
E pela praia, na lua cheia,
Canta “Praieira” de Otoniel.
Ela faceira,
Chega à latada
Para escutar.
Ali, bem perto, velha rendeira
Conta aos netinhos, já sonolentos,
A velha história da Borracheira
Que faz chorar.*

*Mais longe, um grupo de jangadeiros
Toma aguardente,
Deita de bruços na areia lisa
Com o peito ardente.
Outros conversam cousas passadas
Ali, na rua.
Há quem arengue
Jogando dados,
Na luz da lua.*

*Fazem uma roda só de meninas
Cantarolando na beira-mar.
E dentro dela está Sinhá Rocas
Para ensinar.
Canta de roda, torna a rodar,
Canções do povo*

*Que ouvira outrora cantarolar:
_ “Ó minha gatinha parda,
Que em janeiro se sumiu,
Você viu minha gatinha?
Você sabe? Você sabe!... Você viu!...”*

Os temas recorrentes são: a pobreza e o trabalho, a praia e a pesca, as festas e a religião. As Rocas vista pela poetisa Palmyra Wanderley⁴⁷ é criança “selvagem” (“sem mãe”, “sozinha”, “pobre”, “sem lar”, “desigual”) tornando-se uma moça que supera as adversidades a partir do trabalho. Vestida de meias e charpa, canta, festeja, vai à Igreja, faz renda. A menina é resgatada pela “cultura” e até “namora para casar”, apesar de ser “muito nova”.

Outra poesia retratando o bairro das Rocas foi elaborada por Luiz Serrano:

Areal

*Colméia alegre dos pobres,
Trepada no morro-cinza
Que tem a seus pés morrendo,
A lagoa do Jacob...*

*Casas de taipa,
Tapadas de barro,
Cobertas de palhas queimadas de sol.*

*Meio-dia.
Sobe um cheiro bom de peixe seco assando,
O apetite da gente danado atiçando!...*

*A rua descalça,
bem cinzentinha,
parece braseiro espalhado no chão.*

*Mulheres chegam,
que vêm da cacimba,
cachimbo pendendo num canto da boca,
Com trouxas enormes de roupa lavada.
Homens passam,
Pingando suor da pele de carvão,
Com feixes de lenha*

⁴⁷ No site www.allaboutarts.com.br encontra-se uma biografia resumida sobre a poetisa Palmyra Wanderley. Sua obra é marcada pela autoria de poemas para os bairros da Natal de sua época.

*Pra lá do Tirol, das matas tirada.
Mulambos humanos!...
Caminhando cansados
Da luta da vida. Vida malvada!...
.....
Agora é tardinha.
O dia tão quente já vai expirando,
E a sombra da noite já vem refrescando...
A lua bonita,
Lavada de chuva de um ninho de nuvens
Se ergue, no velho Areal, luz derramando...
No terreiro varrido de Chico Venda,
Um côco medonho começa a bater...
E a pobre negrada,
Ouvindo o ganzá,
Se mete no “côco”
Batendo,
Cantando,
E naquela volúpia esquece o sofrer!...
... ondas de poeira se espraíam no ar.
E um cheiro de “pinga”
E uma “catinga” de negro começa a empestar...
.....
Meia-noite,
O galo, relógio vivo da madrugada,
Ressoa pelo espaço a primeira badalada...
Descambo a ladeira,
– escada de areia à beira do morro –
Avistando, a sorrir, o clarão da Ribeira.
De longe ainda escuto
O ritmo exótico daqueles batuques
- pancadas constantes do coração
Alegre e ordeiro daquela gente.
E evoco o Brasil,
Negrinho de ontem em formação,
Ao canto da raça,
Sambando em espírito no afro ambiente!...*

*E assim é a vida do velho Areal,
Viveiro do “côco” e de estranhas cantigas,
Favela pacífica da minha Natal!.*

Diferentemente da poesia anterior, as Rocas que aparece na poesia de Luiz Serrano revela toda a crueza de seu dia a dia, descrito em versos não tão lisonjeiros quanto os elaborados por Palmyra Wanderley. A visão das Rocas a partir do Areal evoca a miséria, a presença do mangue, a falta de infra-estrutura e os seus moradores, alguns caracterizados como “mulambos humanos”. Celebra as Rocas como uma das primeiras “favelas” da cidade.

O autor apresenta seu depoimento de visitante do bairro, testemunha de seus ruídos, mas incapaz de entender seus significados. Pode-se ressaltar assim que ele nos sugere uma Rocas que é o espaço da etnicidade negra enquanto a Ribeira aparece com as luzes da “civilização” diferentemente daquela; “rude”, negra, suja, “perigosa e festiva.

Um aspecto aproximativo entre os dois poemas citados é o traço proletário característico do bairro que aparece em ambos os textos. As Rocas é o lócus do festejo, da dança, dos negros e das crianças, mas também é o espaço dos pescadores e jangadeiros, rendeiras, lavadeiras e trabalhadores braçais. É este o caráter social mais forte do bairro que se revela em duas visões externas (poéticas), que definem o bairro das Rocas na sua relação com a cidade de Natal e os bairros vizinhos na primeira metade do século XX.

Outro trabalho literário que apresenta uma visão panorâmica do bairro no mesmo período no qual foram escritos os outros textos já citados é o livro do escritor potiguar Homero Homem, *Cabra das Rocas*.

Nesta ficção juvenil, o autor apresenta como as relações de conflito entre os moradores das Rocas e os bairros vizinhos se processavam. Nesse caso a oposição mais explícita é como os habitantes da Cidade Alta⁴⁸. Os conflitos extrapolavam o bairrismo e seriam comuns entre os próprios “cabras das Rocas”:

Antes do meu nascimento, contavam, havia rixas tremen-

⁴⁸ Os habitantes da Cidade Alta eram chamados de “xarias” por adotarem o pescado xaria na sua dieta alimentar. Em contrapartida, os moradores das Rocas e Ribeira eram chamados de “canguleiros” por alimentarem-se de um peixe mais barato nos mercados de Natal: o cangulo.

das nas Rocas. O cacete, a peixeira, a quicé afiada entravam nessas disputas que resultavam sempre em cabeças partidas e barrigas vazadas. Sangue, miolo e fezes servindo de repasto às mutucas enormes, principais beneficiárias daquelas escaramuças.⁴⁹

Vemos assim que os principais instrumentos terráqueos do pescador (o cacete e a peixeira) se tornam uma arma mortal. O trabalhador urbano das Rocas não é “preguiçoso” mas, é apresentado como afeito à violência (como nas arengas de Wanderley). Cenário de uma verdadeira “guerra civil”, as Rocas tem nos seus moradores os principais protagonistas de uma revolução proletária iminente:

Os pescadores juntavam-se aos operários da fábrica de tecidos que moravam nas Rocas de Dentro, o grupo engrossava com a adesão dos catraieiros das docas (...) ⁵⁰.

2.5 Inventando as Rocas

Além das leituras fornecidas pela literatura potiguar em torno das Rocas, é também importante outras versões externas sobre o bairro e seus moradores.

Dentro dos estudos antropológicos sobre a formação dos grupos e como os mesmos se relacionam com outros agrupamentos de uma mesma sociedade, vale a pena ressaltar os trabalhos de Fredrik Barth (2000) e Nobert Elias (2000) como possíveis roteiros para a discussão que se segue. Barth nos indica que: “(...)supõe-se que há agregados humanos que compartilham essencialmente uma mesma cultura e que há diferenças interligadas que distinguem cada uma dessas culturas de todas as outras” (2000, p.25).

Podemos nos apropriar de pelo menos três das características citadas por Barth para definição de um grupo étnico para pensar as categorias

⁴⁹ Idem. p. 11.

⁵⁰ Ibidem. p. 11.

criadas para o bairro das Rocas pelos seus moradores e demais habitantes da cidade. A primeira delas aponta para a vivência dos mesmos valores culturais, daí entendendo-se a festa como um aspecto determinante para a elaboração desta identidade cultural. A segunda característica nos aponta para a existência de um mesmo campo de comunicação e interação entre os moradores do bairro, o que é visível não apenas através da festa como de todo campo de sociabilidades e experiências comuns, partilhadas de modo particular pelos habitantes das Rocas. E por último, o fato dos moradores do bairro construírem uma identificação interna e também serem identificados externamente, podendo ser diferenciados de outros habitantes das demais zonas da cidade de Natal: os antigos “canguleiros” hoje são chamados de “roqueiros”. Assim, podemos relatar como alguns moradores de diversas áreas da cidade de Natal demonstravam suas percepções sobre o bairro das Rocas.

Estranhamento, advertência, chacotas e risos fizeram parte de todas as falas externas⁵¹ que ouvi em torno do meu novo campo de pesquisa. A imagem construída sobre as Rocas pelos demais natalenses é marcada pela mesma estereotipia presente nos trabalhos literários analisados anteriormente, escritos na década de 1960.

Duas falas externas ao bairro, em especial chamaram-me atenção por revelar como a cidade contemporânea pensa e elabora a imagem das Rocas. A primeira foi proferida por uma mulher, 32 anos de idade, natural do Estado de Pernambuco, com estudos superiores e moradora da cidade de Natal desde a adolescência. Quando soube das minhas dificuldades em encontrar interlocutores no bairro, ela sugeriu que eu me vestisse “como as moradoras das Rocas” de shorts curtos, tops pequenos e que trouxesse uma garrafa de aguardente sempre comigo, pois assim seria fácil estabelecer os novos contatos no bairro.

Sua fala faz associações explícitas entre o bairro e a prática da prostituição um dos aspectos negativos mais associados ao bairro das Rocas. Por ter se localizado próximo a uma área portuária, o bairro apresentou uma expansão de pequenos negócios voltados para o público masculino, desde barbearias, bares e as suas famosas “casas de drink”, *lócus* da prostituição de Natal. A falta de estudos sobre as questões relativas à prostituição nesta área nos impede de traçar um perfil detalhado sobre

⁵¹ Ao todo entrevistamos 15 pessoas, sendo 08 moradores das Rocas, 02 moradores de outros bairros da cidade e 05 ex-moradores.

o grau de veracidade e o alcance dessa prática nas Rocas, mas é importante salientar que essa representação é corrente e reforçada por alguns sinais contemporâneos desta prática, como a freqüentação de prostitutas no calçadão da Praia do Meio e os motéis que compõe, o cenário do bairro.

A segunda fala foi em torno da violência. Desta vez partiu de um homem, 45 anos de idade, natalense e vinculado a um meio de comunicação escrita. O mesmo me deu todas as advertências possíveis quando soube das minhas visitas ao bairro. Sugeriu que eu jamais portasse bolsa, relógio e tivesse muita atenção nas minhas idas. Completou ainda afirmando que a área é muito perigosa, e que o trânsito de pivetes e de drogados é grande a qualquer hora do dia.

Numa de minhas visitas para investigar o aspecto associativo encontrei na Travessa Pedro Simões o prédio da Associação de moradores das Rocas, que estava fechado. Quando me aproximei para tomar nota do número de telefone que estava fixado na fachada do prédio percebi os olhares curiosos de um pequeno grupo de homens, sentados diante da Associação. Caminhei até eles, cumprimentei a todos e perguntei se algum deles sabia o dia e a hora que a organização estaria aberta. De forma muito solícita um homem com aproximadamente 30 anos de idade me disse que o presidente da associação havia saído e ele não tinha certeza quanto ao seu retorno.

A partir da acolhida positiva, resolvi revelar para o grupo o meu objetivo naquela rua e o tipo de trabalho que eu estava fazendo nas Rocas. Logo, os mesmos começaram a se manifestar sobre suas relações com o bairro e indicar-me uma ampla rede de possíveis contatos. Deste grupo, apenas o mais jovem havia nascido no bairro das Rocas.

O mais velho do grupo, Seu José⁵², mora no bairro desde 1976 e nasceu no município de Canguaretama. Este senhor nos disse que as Rocas é o “melhor” bairro da cidade de Natal. Ele apontou a proximidade do bairro com o centro da cidade, destacando o comércio e os serviços bancários, além da praia enquanto espaço de lazer preferido pelos moradores das Rocas. Indicou ainda as facilidades dos moradores com a presença de uma ampla rede de linhas de ônibus que cruzam a cidade passando pelo bairro.

O Seu José mostrou-se muito curioso sobre quem era a pesquisadora

⁵² Nome fictício

e por que eu havia escolhido o bairro das Rocas para o meu trabalho de mestrado. Depois de lhe informar como ocorreu a seleção desta área da cidade, ele fez questão de ressaltar que eu encontraria muitas associações e agremiações diferentes nas Rocas. Na opinião dele, também é o bairro das Rocas que movimenta as principais festas da cidade, como o carnaval, reforçando assim o que já havíamos registrado a partir de nossa observação.

A percepção do Seu José sobre a visibilidade do bairro a partir do carnaval é a mesma encontrada em outros interlocutores, ex-moradores do bairro e habitantes de outras zonas da cidade. No depoimento de um homem, 25 anos de idade, professor, o carnaval aparece como o traço cultural mais forte do bairro e o que mais chama atenção dos outros setores da cidade para as Rocas. Um segundo ex-morador, 38 anos de idade, também professor aponta inclusive o bairro como o “berço do samba natalense”. Em todos os demais depoimentos são as festas o que conferem uma visão externa positiva para o bairro das Rocas, incluindo além do carnaval, a malhação do Judas e o São João.

Durante a conversa e de modo espontâneo este senhor comentou ainda que a imagem que a cidade de Natal constrói do bairro das Rocas enquanto cenário da violência não é muito acertada, pois a violência urbana é uma realidade em qualquer lugar, sendo possível conviver com as dificuldades e tomar certos cuidados nas relações dentro dos grupos, assim segundo ele qualquer pessoa pode circular livremente pelo bairro.

Quando perguntei sobre o rito da Malhação de Judas do ano de 2006 eles indicaram o local onde um vizinho amarrou o boneco confeccionado para a última Semana Santa. Disseram inclusive que a própria associação de moradores promoveu um evento chamado de “Judas Carcará” em que eles “romperam” o Sábado de Aleluia com um boneco de Judas e ao som de frevo. Encontramos ainda a faixa na rua com a seguinte informação: “Associação dos Moradores do bairro das Rocas. Venha romper o Sábado de Aleluia com muito frevo. Judas Carcará. Presidente: Ivanildo”.

Ao lado da descrição elogiosa, outros aspectos negativos também são citados pelos moradores do bairro. Muitos apontam a prostituição e o consumo de drogas como fatores presentes no bairro, enquanto outros afirmam que a existência de um patrulhamento constante diminuiria os riscos de assalto.

Um ex-morador nos forneceu o seguinte relato:

Eu morava na Rua do Motor. Não considerávamos a Rua do Motor como Rocas, e na verdade não é, é Praia do Meio. Lembro que às vezes era Petrópolis, outras, Praia do Meio, mas não Rocas. Ser das Rocas significava ser mal visto nos lugares. Isso era a imagem que eu tinha quando criança. Contudo, apesar desta imagem, eu tinha amigos que moravam nas Rocas, parentes, sempre os visitava e nunca achava nada demais lá... Pelo contrário, me sentia muito à vontade, eram pessoas com as quais tinha muita identidade.

Este depoimento nos oferece uma série de elementos para a discussão de como são construídas as imagens em torno dos grupos sociais. Este interlocutor, apesar de ter se apresentado para nós enquanto ex-morador do bairro das Rocas, procura em seu relato transparecer uma recusa identitária, mesmo que se com essas pessoas ele “tinha alguma identidade”, prefere afirmar a distinção entre a “sua” rua e o bairro, pois: “*Ser das Rocas era ser mal visto nos lugares*”.

Neste trecho verificamos o que Norbert Elias chama de sócio-dinâmica da estigmatização⁵³. “Ser das Rocas” sugere o pertencimento a uma classe inferior e “perigosa”, sendo os moradores do bairro vistos como “o povo das Rocas” pelas outras zonas e bairro de Natal. Os “roqueiros” podem ser então associados como um “grupo de outsider estigmatizado”⁵⁴, o que resulta numa série de construções externas sobre as impossibilidades desta população se inserir nas dinâmicas culturais dos demais setores da cidade.

O conflito interno é outro aspecto bastante presente nos depoimentos, sendo estas tensões associadas aos problemas com vizinhos, rivalidades partidárias, competição entres os blocos de carnaval, problemas conjugais e disputa pelos pontos de vendas de drogas no bairro e áreas mais próximas.

A malhação do Judas é um dos rituais nos quais tais conflitos se apresentam de forma explícita, como veremos a seguir.

⁵³ Op. Cit. p. 27.

⁵⁴ Op. Cit. p.30. Segundo Elias (2000), os “outsiders” são os que estão fora da “boa sociedade” e existem apenas no plural, não constituindo um grupo social definido.

3 “SER ROQUEIRO “E MALHAR O JUDAS””.

Em nossas primeiras visitas ao bairro das Rocas (em 2006) fomos encaminhados até uma moradora que realizava a malhação do Judas há mais de 20 anos. A mesma dirige uma associação carnavalesca e mantém um barracão no qual além de realizarem os ensaios e reuniões da agremiação, também acontecia um pagode aos domingos.

Na nossa primeira conversa ela havia concordado em me receber para contar um pouco da Semana Santa nas Rocas e do seu Judas, mas já nos primeiros minutos de sua fala enfatizou bastante as tensões resultantes da última disputa daquele carnaval de Natal. Assim, ela me recebeu na semana seguinte e apresentou o barracão da sua escola de samba, descrevendo cada foto e apontando cada troféu conquistado. Deixou clara sua aliança política com a atual vice-prefeita e falou de outros possíveis contatos, principalmente no campo da cultura.

A conversa girou em torno de suas áreas de interesse. Dona Dalva⁵⁵ (hoje viúva do carnavalesco mais famoso do bairro) nos disse que a sua agremiação fora formada pelo seu marido na década de 1960 e hoje congregaria moradores de várias localidades da Grande Natal, inclusive dos municípios vizinhos de Parnamirim, Ceará-Mirim e Macaíba. Segundo ela a participação de alas compostas por habitantes de outros bairros é bem expressiva, sendo bem pequena a presença de moradores das Rocas, já que o bairro se divide em muitas outras agremiações de carnaval e escolas de samba, impulsionando o grupo a buscar integrantes para a sua escola em outros bairros populares da Cidade do Natal e Grande Natal.

Quando lhe perguntei sobre a malhação do Judas, Dona Dalva disse que sondou nas ruas vizinhas sobre quem iria fazer o boneco para a malhação do Judas e notou que quase ninguém pretendia fazê-lo naquele ano (2006). Sobre a sua participação no rito, me informou que sempre ajudou seu marido na confecção do boneco, principalmente a partir de 1986, e que começava a “costurar o Judas” (fazê-lo) na sexta-feira da Semana Santa após o almoço, utilizando na confecção das roupas e acessórios do boneco, peças usadas e velhas dos seus três filhos, além das sobras de material reciclado vindas da escola de samba.

⁵⁵ Optamos por utilizar nomes fictícios para nossos interlocutores.

Fazer o boneco no bairro das Rocas é uma tarefa para o dia de sexta-feira, sendo a sua malhação realizada na madrugada da sexta para o sábado de Aleluia⁵⁶.

Finalizamos esta conversa marcando a próxima visita para a sexta-feira da Paixão.

3.1 Um Judas “posudo”

No dia combinado, cheguei ao bairro das Rocas pouco depois das 13h. Dona Dalva demorou bastante para me atender no portão da sua casa e quando o fez ressaltou que estava se sentindo mal e só faria o boneco devido a minha presença. Este foi um momento constrangedor para minha permanência no campo, pois a minha única informante estava deixando clara a falta de interesse em me ter em sua casa para ver a confecção do boneco. Ao invés de recuar e voltar para casa, fiquei junto da minha informante, sem sentir nenhuma afabilidade de sua parte.

A *posteriori* percebo que seu comportamento deve ser explicado através de vários elementos: pensei em como aquela senhora era procurada pela mídia, estudantes e políticos para prestar toda natureza de depoimentos e procurei imaginar quantos retornavam com os resultados da pesquisa ou com algum tipo de retribuição (material, simbólica ou política). Talvez ela sinta-se frequentemente lesada e agora estivesse dificultando o meu trabalho⁵⁷.

Mesmo assim, permaneci teimosamente e Dona Dalva com a aparência muito abatida- avisou que precisava pegar o material para a confecção do Judas no depósito que a escola de samba mantém em uma rua ali perto. Encaminhamos-nos para o local e enquanto ela abria a porta do pequeno depósito, pude ver que na esquina vizinha um homem preparava um boneco de Judas. Dois meninos acompanhavam a fabricação daquele boneco de forma muito atenta. Chamei um deles e per-

⁵⁶ Fato que difere de outras regiões do Estado, por exemplo, no município de Venha Ver (Oeste do Estado), onde o boneco é confeccionado no sábado e malhado na madrugada do domingo que se comemora a ressurreição de Cristo.

⁵⁷ Também pode ser que ela houvesse refletido ou investigado acerca da provável escassez de “dividendos” que surgiriam desta dissertação de mestrado e sua motivação inicial tivesse se recolhido.

guntei a hora na qual o Judas seria malhado. O garoto apontou para um poste no meio da rua e me disse que o Judas seria enforcado ali, mas só perto da meia-noite é que aconteceria a malhação. Perguntei se eu poderia ver o evento e ele me disse que sim.

Quando voltávamos à casa de minha informante, um vizinho perguntou se ela faria o Judas naquele ano e ela afirmou que sim. O homem ofereceu auxílio em algum material, mas ela recusou, dizendo que possuía toda a roupa do boneco.

Já no barracão da escola (que funciona nos fundos de sua casa) aguardei Dona Dalva começar a confecção do boneco. Ela iniciou o trabalho rasgando dois sacos de espuma em flocos, resto das alegorias utilizadas no último desfile da escola, e que servira como enchimento para o corpo do Judas. Para compor o boneco, ela utilizou uma fantasia de carnaval. Ainda indisposta, decidiu-se a fazer a costura do boneco assim mesmo.

Enquanto ela fazia seu trabalho, eu refletia sobre alguns aspectos já pensados e observados em torno da Semana Santa: a Sexta-feira de Paixão nas Rocas não parece ser imbuída de um sentido religioso já que no trajeto até a agremiação carnavalesca puder ver grupos de pessoas, na maioria homens, sentados nas calçadas ou diante de bares, conversando e tomando vinho⁵⁸. O dia de feriado se caracteriza ali como uma pausa para o descanso e encontro dos conhecidos, sendo que mesmo a Igreja Católica do bairro das Rocas (A Sagrada Família), encontrava-se com suas portas fechadas⁵⁹.

Segundo Dona Dalva, no bairro das Rocas também persiste a instituição da “esmola da Semana Santa”⁶⁰, quando pessoas carentes visitam as casas pedindo algum auxílio ou alimento em memória da piedade de Jesus Cristo. No caso das Rocas as pessoas viriam de outros bairros populares (como Cidade Nova) pedindo a “esmolinha para jejuar”⁶¹.

⁵⁸ É um hábito comum aos dias que antecedem a Páscoa o consumo de vinho, principalmente tinto.

⁵⁹ Possivelmente faria a abertura de suas portas em outro horário para a missa ou encenação da Paixão de Cristo, pois havia moças e rapazes preparando algo que parecia ser um cenário.

⁶⁰ Esta instituição já foi anteriormente observada no município de Venha Ver.

⁶¹ É interessante a contradição: jejuar com comida? Acreditamos que a instituição faça alusão ao fato do próprio Cristo e seus apóstolos serem alimentados pelos seus primeiros seguidores.

Não houve nenhum registro deste pedido na casa dela na Páscoa do ano de 2006.

Outras práticas cristãs da Semana Santa permanecem, como por exemplo, na hora do almoço, quando pude observar o respeito pela interdição da carne vermelha, tendo sido servido peixe frito e peixe no coco. O cão da família ficou rondando sua dona desejando uns pedaços da sua refeição, mas a mesma falou que lhe daria carne branca, pois o mesmo não tinha pecado e podia comer frango, enquanto ela teria que comer o peixe devido aos seus pecados.

Depois do almoço, quando ela reiniciou a confecção do Judas, os seus filhos chegaram da praia e juntaram-se a nós no galpão, sendo que um deles se dispôs a auxiliar a sua mãe na tarefa de confecção do boneco. Este rapaz nos deu duas notícias: outro Judas estava sendo feito pela vizinha (informação para a qual Dona Dalva torceu o nariz), e o Bloco carnavalesco O Carcará estava organizando um desfile para celebrar a malhação do Judas. O grupo sairia à meia-noite da antiga Estação Ferroviária e percorreria algumas ruas da Ribeira e Cidade Alta. O evento estava sendo organizado pela Associação de Moradores do Bairro das Rocas. Esta notícia não despertou interesse particular de Dona Dalva, que costurou as duas peças de roupa na sua máquina de costura e passou a contar com a ajuda do filho, para o enchimento do corpo e das luvas utilizadas como mãos para o boneco. Ela utilizou uma manga de camisa para fazer a cabeça e a encheu de trapos velhos. Enquanto cozia, ela cantarolava sambas antigos e conversava animadamente com seu filho, a nora e um neto. Apresentamos em seguida uma seqüência fotográfica com as etapas de elaboração do boneco:



Ilustração 7: Rasgando as espumas usadas numa alegoria do carnaval.
Foto de: Andréia R. M. Mendes



Ilustração 8: Preparando uma manga de camisa para a cabeça.
Foto: Andréia R. M. Mendes



Ilustração 9: Cortando uma fantasia velha para vestir o boneco.
Foto: Andréia R. M. Mendes



Ilustração 10: Costurando a cabeça do boneco.
Foto: Andréia R. M. Mendes



Ilustração 11: Preparando o corpo do boneco com ajuda da nora.
Foto: Andréia R. M. Mendes



Ilustração 12: Pregando a cabeça no corpo do Judas,
sendo observada pelo filho e a nora.
Foto: Andréia R.M. Mendes



Ilustração 13: Pintando o rosto do Judas.

Foto: Andréia R. M. Mendes



Ilustração 14: Boneco do Judas pronto envolvido num abraço pela família.

Foto: Andréia R. M. Mendes

Ela afirmou que o Judas estava “ganhando uma roupa sem merecer”. Quando seu filho comentou que a roupa estava deixando o Judas com “aparência de rico”, e aquilo não poderia acontecer, pois Judas foi o traidor de Jesus, sua mãe replicou que isso se deve à pouca valia

da personagem: “pra Judas qualquer coisa que colocar nele presta”. O sentimento de revolta pela atitude de Judas Iscariotes é reaceso de vez em quando, mas o aspecto da “folia” (alegria) em torno do Judas é mais evidente (com a presença do cantarolar e da conversa animada). O tom de brincadeira era assim constante durante a fabricação do boneco, sendo que o filho de Dona Dalva chegou a afirmar que uma conhecida da família faria mais sucesso no poste do que aquele Judas. Apesar da descontração durante a confecção do boneco, ele era espancado e xingado permanentemente enquanto Dona Dalva repetia: “olha o judeiro” ou “fica em pé, marmota”. Algumas vezes foi chamado de “cabeça de Congo”, “cabeção” e tomou várias tapas no rosto recém pintado, como se ali estivesse encarnada a figura do próprio apóstolo traidor, ou de outra pessoa traidora.

Dona Dalva havia anteriormente me dito que só colocava o Judas dela no poste quando soubesse que os outros bonecos da rua já haviam sido malhados. Segundo ela, o seu boneco deveria ser o último a ser malhado por ser o mais “posudo” ou elegante entre todos, e naquele ano não seria diferente.

O Judas foi concluído perto das 16h, quando a família o sentou numa cadeira em frente à porta de casa e deixou-o lá até a aproximação da hora da malhação, olhando para a rua e protegido por uma grade de ferro. Segundo seu próprio relato, no ano anterior, o Judas confeccionado por ela foi motivo de confusão na vizinhança, sendo a polícia chamada durante a malhação para conter o entusiasmo dos malhadores.

De fato, apesar de ainda ser cedo da tarde, observei que o policiamento estava presente nas Rocas naquele dia, o que eu não havia observado nas outras visitas que realizei ao bairro. Enquanto conversávamos, uma viatura da PM passou por três vezes seguidas naquela rua.

Neste momento ocorreu algo para o qual eu não estava preparada: a própria Dona Dalva me aconselhou a não permanecer por muito mais horas no bairro, o que me deixou apreensiva em relação ao comprometimento de minha pesquisa de campo.

Após finalizar minha conversa com Dona Dalva, pedi que a mesma me encaminhasse até a pessoa que havia confeccionado o outro boneco do Judas que existia na mesma rua. Chamaremos a sua vizinha de Dona Sônia.

Dona Sônia se encontrava sentada na porta de casa, conversando

com seu companheiro, Seu Severino. O boneco feito por ela reunia peças velhas de roupas, a cabeça de uma boneca e sapatos infantis, o que nos chamou atenção, pois isso revelava que nem sempre o Judas deveria ser representado como uma figura masculina. O mesmo já apresentava a cabeça solta, minutos depois de ter sido colocado sobre o capô de um fusca, o que indica que a partir do momento que se posiciona o Judas num poste ou árvore, os malhadores já causam os primeiros danos no boneco, finalizando com a chegada da meia noite.

Comecei este novo contato me apresentando e falando que estava fazendo um levantamento sobre os motivos que levavam as pessoas a confeccionarem um boneco do Judas. D. Sônia (65 anos) afirmou que o faz há muito tempo e que é a forma que encontrou para representar Judas, o traidor de Jesus. Para ela, a malhação seria uma punição pelo apóstolo ter entregado Cristo aos romanos. O seu companheiro apresentou um discurso diferente. Disse que o Judas é uma espécie de crítica social da comunidade sobre algo ou alguém, e citou como exemplo a confecção de um boneco como caricatura do presidente da República em exercício, Luis Inácio Lula da Silva. Ele ainda nos indicou que quando jovem a malhação do Judas era considerada como um aviso de que Cristo tinha ressuscitado sendo a queimação do traidor uma vitória sobre o mal.

Achei o seu depoimento muito rico de elementos e marquei uma outra conversa com Seu Severino no seu local de trabalho: a gráfica do Diário Oficial. Fiquei com o casal até o anoitecer, quando expus minha vontade e necessidade de ficar no bairro até a hora da malhação do Judas mas eles também me aconselharam deixar as Rocas antes de escurecer, alegando que ali não era lugar pra eu ficar sozinha. Sem nenhum apoio, a minha permanência no bairro ficou totalmente comprometida e eu voltei para casa com um forte sentimento de frustração, pois não assisti nenhuma malhação do Judas naquele ano (2006).

Assim, a nossa primeira observação da malhação do Judas limitou-se ao acompanhamento da confecção do boneco e algumas informações e contatos.

Como combinado com Seu Severino, me dirigi ao Diário Oficial para termos mais uma conversa, para a qual fui recebida num tom de surpresa: o mesmo não imaginava que eu retornaria para continuar falando sobre a malhação do Judas no bairro das Rocas.

Inicialmente meu informante falou um pouco da sua infância naquele bairro e das dificuldades que acompanharam sua vida. Seu discurso foi marcado pelo saudosismo de uma época na qual as pessoas tinham um sentimento religioso mais forte e respeitavam os ritos de Páscoa. Segundo ele, o costume da “benção” era muito forte na sua infância, inclusive na Semana Santa, quando os filhos colocavam-se de joelhos diante dos pais e pediam as suas bênçãos, num sinal de respeito e obediência. A própria sexta-feira de Páscoa era chamada de Sexta - Maior e neste dia todo trabalho estava interdito: tomar banho, pentear os cabelos, arrumar a casa. Nada podia ser feito até o romper do Sábado de Aleluia.

Seu Severino nos falou também da “Serração da Velha”⁶² nas Rocas, uma espécie de brincadeira que era realizada com os idosos menos queridos da comunidade. Segundo ele, o rito se caracterizava da seguinte maneira: um grupo de jovens, portando madeira, serrotes e paus instalavam-se na porta de uma pessoa idosa da rua e começava a serrar a madeira, numa forma de agourar a vítima escolhida. Meu interlocutor apontou que os idosos saíam de dentro das suas casas enfurecidos e normalmente atiravam um “urinol” cheio nos perturbadores. Segundo ele, a última havia ocorrido com uma idosa conhecida por “Dona Quinha”. O momento da malhação do Judas também era utilizado para ofender os desafetos locais, sendo colocado pedaços do boneco nas portas das pessoas tidas como mais mesquinhas, fofoqueiras e traidoras da comunidade.

Para ele, a malhação do Judas perdeu todo o antigo sentido (castigar o traidor de Jesus Cristo e sinalizar a ressurreição do messias no sábado de Aleluia). Hoje as pessoas aproveitam para se embriagar, usar drogas e fazer uma crítica mais geral, tanto às personalidades locais quanto aos políticos. O sentido religioso teria sido esquecido e apenas os mais velhos lembrariam qual a origem da malhação do Judas. Encerrada nossa incursão no ano de 2006, retornamos no ano seguinte para mais uma observação sobre o rito da malhação do Judas.

Felizmente o ano de 2007 nos proporcionou a observação do ritual, o que não tinha acontecido no ano anterior, pelas questões já acima assinaladas. Mesmo com alguns contatos firmados no bairro, ainda foi

⁶² O folclorista Ático Vilas-Boas Mota apresenta um relato sobre esta prática da Semana Santa presente em várias regiões do Brasil.

difícil encontrar alguém que se disponibilizasse a nos acompanhar nas horas intermediárias entre a exposição do boneco e o momento da Malhação, ou seja, meia-noite. Graças a colaboração de um aluno do curso de ciências sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte pudemos observar tal momento, com a ressalva de que deveria ser no setor de Brasília Teimosa, comunidade onde ele habita e que faz parte do bairro de Santos Reis.



Ilustração 15: Mapa do bairro de Santos Reis⁶³.

A princípio, hesitamos em aceitar a oferta em outra área que não fosse o bairro das Rocas, mas a proximidade entre os dois setores não invalidava a nossa análise, já que ambas as áreas vivenciam as condições sócio-econômicas semelhantes e uma relação bastante intensa com a malhação.

Após acertarmos a visita, chegamos à localidade de Brasília Teimosa pouco antes das 22h da sexta-feira da Semana Santa. Como observado anteriormente, não havia nenhuma atmosfera de respeito ou resignação das pessoas que se encontravam nas ruas pela celebração da crucificação de Jesus Cristo. Lá também pudemos visualizar grupos de

⁶³ Miranda. Op.cit. p. 128.

peessoas comendo espetinhos em churrasqueiras improvisadas na frente de suas casas e consumindo bebidas alcoólicas, cigarros e outras drogas, como cola de sapateiro.

Enquanto seguíamos até a casa dos nossos interlocutores percebemos não apenas uma grande movimentação nas ruas, mas a existência de muitos bonecos de Judas espalhados por todos os setores, alguns sentados em cadeiras, sendo vigiados pelos seus criadores, que desta forma, evitavam qualquer avaria no boneco antes da hora ritual. Um deles nos chamou atenção por portar uma placa com os seguintes dizeres: Eu sou um papudinho⁶⁴.

Chegando a casa de nossos interlocutores nos deparamos com um Judas amarrado no poste do telefone público, com um grupo de adultos e crianças próximos ao boneco. Todos os adultos estavam envolvidos numa conversa e bebendo vinho. As crianças armadas com pedaços de pau aguardavam ansiosas a chegada da meia noite, enquanto um garoto de quatro anos de idade me disse que o Judas estava para “morrer” e que ele iria “ajudar a rasgar o boneco”. Os demais meninos permaneceram olhando o Judas e fazendo comentários sobre os outros bonecos espalhados na vizinhança. É importante notar que não havia meninas próximas ao boneco, o que reforça o caráter masculino do rito.

⁶⁴ Expressão utilizada para definir um alcoólatra.



Ilustração 16: Boneco do Judas sentado sobre telefone público.
Brasília Teimosa (2007)
Foto: Andréia R. M. Mendes.

Com a proximidade da meia-noite aumentou o número de vozes e transeuntes na rua onde ficamos instalados. Entre eles crianças e adolescentes portando paus para bater nos Judas eram seguidos por grupos de travestis, garotas de programa, adolescentes cheirando cola e jovens fumando maconha. A normalidade com a qual os moradores da localidade olhavam para estas pessoas apontava para a sua familiaridade com aquelas situações. Aproveitando o momento, perguntei a uma das nossas interlocutoras sobre as rivalidades presentes na vizinhança, sendo que a mesma apontou os “problemas com vizinhos” como um dos aspectos mais fortes de conflito.

Em contrapartida, a mesma afirmou também que a comunidade possui um grande espaço para diversas outras formas de sociabilidades, entre elas a prática de confecção e distribuição de sopa para os habitantes mais carentes do bairro. Quando eu a interroguei sobre a presença de lideranças políticas envolvidas nesta prática, a interlocutora informou

que são os próprios moradores da área que distribuem este alimento chamado “sopão”.

A balbúrdia na rua anunciou a chegada da hora ritual, o momento da Malhação do Judas. Quando nos aproximamos do boneco do Judas amarrado no poste do orelhão vimos que em menos de um minuto o boneco já havia sido destruído exclusivamente pelos meninos e pré-adolescentes (entre 08 aos 14 anos). Após despedaçar o boneco, saíram arrastando os pedaços pela rua e foram à busca de outros Judas. Enquanto os seguíamos, constatamos que não existia mais nenhum boneco inteiro. A Malhação do Judas ocorre de forma simultânea, sendo a hora ritual respeitada, o que praticamente inviabiliza a observação de mais de um boneco no mesmo ano e ao mesmo tempo. Nas demais ruas nós ainda encontramos os vestígios de Judas, espalhados em pedaços de trapos, cocos com rostos desenhados e folhas de plantas que serviram de enchimento ao boneco.

Após a Malhação do Judas, as pessoas da localidade continuaram seus festejos da Semana Santa, bebendo e conversando nas ruas e calçadas. A partir desta observação, completamos o trabalho inicialmente proposto e passamos para análise do ritual.

3.2 Judiando nas Rocas: as interpretações locais do rito

A fim de compreender a multiplicidade de significados atribuídos pelos moradores do bairro tanto à figura do Judas quanto ao ritual da malhação, analisamos os depoimentos fornecidos por nossos três informantes nas Rocas: Dona Dalva, Dona Sônia e Seu Severino, além das entrevistas fornecidas por ex-moradores do bairro e por último dos textos produzidos sobre a malhação do Judas pelos alunos do 6º e 7º anos da Escola Estadual Café Filho. Todos os depoimentos nos apresentaram aspectos bastante reveladores da dinâmica social no bairro e do papel do rito para as Rocas. Temos assim três perspectivas locais sobre a malhação do Judas que se confundem nos seus aspectos interpretativos.

A primeira é a apresentada pelos participantes que percebem a con-

fecção do boneco e a sua malhação como uma “brincadeira”, momento de sociabilidade entre amigos e crianças. Esta é a interpretação do rito construída por Dona Dalva e por seus filhos, a partir do que observamos durante a confecção do Judas no barracão da escola de samba.

Revelando a posição e o papel social dos interlocutores no seio da dinâmica do bairro, a interpretação local da “brincadeira” é elaborada por pessoas envolvidas e engajadas com as práticas culturais do bairro, como a agremiação carnavalesca. No cotidiano destas pessoas é a festa que ocupa o espaço maior de suas preocupações, o que já havia por nós sido observado com a realização de visitas anteriores.

No depoimento de um ex-morador (casado, professor, 25 anos de idade) este aspecto da festa também foi evidenciado:

Era a maior festa, os moradores mais antigos preparavam (o Judas) na sexta-feira e penduravam nos postes a uma altura de cerca de dois metros e no sábado, depois de meia-noite, todos os jovens entre 10 e 16 anos destruíam eles com chutes e pontapés etc. Sempre fazendo a maior festa.

Segundo outro ex-morador (solteiro, professor, 36 anos de idade), a malhação era acompanhada pelo furto de aves nos quintais vizinhos, aspecto que já havia sido comentado no prefácio desta dissertação:

Na noite de sexta para sábado (Sexta-feira da Paixão e Sábado de Aleluia), nas casas que dispunham de um quintal para as criações, as galinhas eram guardadas dentro de casa para não serem roubadas, um costume tradicional. A malhação ocorria no sábado quando amanheciam vários Judas amarrados nos postes, “enforcados! Ou “sentados” à frente das casas. Minha casa era de esquina e nas duas ruas à direita e nas demais adjacentes encontrávamos vários bonecos. Dentro dos bonecos colocavam maços de cigarro ou cédulas de dinheiro. Por esse motivo os adultos e adolescentes eram os primeiros a insultá-los e destroçá-los em busca dos prêmios (cigarros e dinheiro), puxavam-lhes os membros, batiam-lhes com paus, alguns eram arrastados pelas ruas e finalmente queimados. Cabia desse modo, ao bando de crianças, apenas as sobras da farra.

A segunda percepção é indicada pela opinião dos moradores que acreditam ser o boneco uma representação aproximada do Judas, sendo a sua malhação compreendida com uma “punição” merecida ao apóstolo acusado de traição, sendo esta percepção muito forte nos interlocutores mais idosos e mais participativos das celebrações católicas, como Dona Sônia. A opinião dela nos aponta para um sentimento religioso mais formal, característico de quem identifica o período como momento de transição das “trevas da morte” de Jesus para a sua “ressurreição gloriosa”. Aqui o boneco do Judas é uma representação do apóstolo Iscariotes e a sua malhação, um castigo merecido pela sua traição.

A terceira e última versão nos sugere uma “interpretação social nativa” do rito da malhação do Judas, identificando-o com a necessidade de expor as frustrações sócio-econômicas da população do bairro e sua “revolta” com autoridades públicas, vizinhos mal-quistos ou com personagens de alguma influência no bairro, podendo ser políticos, autoridades culturais ou sociais. A malhação enquanto “válvula de escape” foi acentuada nos discursos de Seu Severino e de outros interlocutores com um nível de formação educacional mais elevado, como os ex-moradores do bairro. Alguns depoimentos infanto-juvenis também apresentam esta interpretação para a malhação do Judas. Os elementos mais presentes nos textos são a revolta e a violência, que não são direcionadas para o apóstolo Judas Iscariotes e sim para certos membros da comunidade ou moradores da vizinhança, algumas vezes, outras crianças.

As diferentes versões locais se encontram no mesmo ponto: é necessário punir alguém para restaurar a ordem dentro do grupo. Fazendo uso da violência contra o boneco do Judas, o grupo evita desta forma que a violência seja canalizada para ele mesmo. Apesar das diferentes definições em torno do objeto ritual, na análise antropológica percebemos que os seus elementos de caráter punitivo e sacrificial são a constante em todas as interpretações nativas. A presença desses elementos pode ser verificada nas redações sobre a malhação do Judas recolhidas entre crianças de 11-13 anos moradores das Rocas e adjacências.

3.3 Narrativas juvenis sobre a Malhação do Judas

A partir da percepção que havia distinções entre os gêneros e as faixas etárias envolvidas com a malhação do Judas, ampliamos o nosso universo de pesquisa, buscando a faixa etária juvenil até então pouco explorada entre os informantes. Assim, iniciamos as visitas em duas escolas do bairro das Rocas com o objetivo de coletar depoimentos dos alunos e alunas que participavam do rito. Nos encaminhamos primeiramente para a Escola Municipal Augusto Severo⁶⁵ e em seguida, para a Escola Estadual Café Filho⁶⁶. As duas escolas encontram-se na mesma quadra e atendem além do bairro das Rocas, as comunidades de Brasília Teimosa e do Vietnã.

Pela proximidade com a Semana Santa, escolhemos o mês de março para realizar estas visitas. A diretora da Escola Municipal nos recebeu, e após ouvir atentamente sobre o objetivo de nossa pesquisa, apressou-se para nos dizer que os alunos de sua escola eram crianças pequenas que não participavam daquele tipo de brincadeira. Ela nos afirmou que a clientela da escola vizinha poderia envolver-se com mais frequência neste tipo de evento. Sem ao menos manter contato com os (as) alunos (as) da Escola Augusto Severo, nos dirigimos para o colégio ao lado.

Chegando à Escola Estadual Café Filho, nos deparamos com crianças e adolescentes envolvidos nos jogos que fazem parte das aulas de Educação Física. Abordamos o professor e o mesmo nos afirmou que era ex-morador das Rocas e que todo o seu sentido de comunidade havia partido das vivências naquele bairro. Quando soube de nossa pesquisa, ele nos afirmou que alguns dos seus alunos poderiam ser “malhadores do Judas”. Marcamos então uma hora com a diretora desta escola e a mesma concedeu toda liberdade de trabalho junto aos seus alunos e professores.

Com os contatos estabelecidos, retornamos no dia seguinte para a coleta de depoimentos dos alunos das séries maiores do turno vespertino: 6º e 7º anos, entre 11 anos a 13 anos. Encontramos o portão da Escola trancado e demorou um pouco até que o vigilante abrisse a pas-

⁶⁵ Escola pública que atende crianças entre 06 até 10 anos de idade, matriculadas nas primeiras séries do ensino fundamental.

⁶⁶ Escola pública que funciona nos três turnos, atendendo alunos do ensino fundamental II e do ensino médio.

sagem. Sem compreender o rigor da segurança entramos no colégio e ficamos aguardando a direção chegar e nos encaminhar junto aos alunos e alunas. Na sala dos professores as conversas entre as copeiras, merendeiras e algumas professoras giravam em torno da violência que aflige o bairro e seus moradores. Comentavam sobre o empenho de uma de suas funcionárias para livrar um parente do consumo de drogas e lamentavam os poucos sucessos obtidos. Nossa presença não interferiu na conversa e elas continuaram comentando outros casos conhecidos pelo bairro.

A clientela desta escola é de filhos da classe trabalhadora, mas também foi sinalizada a presença de algumas crianças e adolescentes cujos pais eram envolvidos com o tráfico e consumo de drogas e outras formas de criminalidade. O espectro da violência e agressão paira, de modo indiscutível sobre aquele alunado, e bastou estimular uma redação sobre a malhação do Judas para que se confirmassem as nossas impressões acerca dessa realidade, expressa nos conflitos vivenciados pelo bairro.

Diante da variedade da origem dos seus alunos, teria sido difícil restringir a produção textual dos alunos do 6º e 7º anos apenas aos estudantes moradores das Rocas. Tal contratempo revelou-se produtivo, pois comprovamos nossas suspeitas de que a malhação é uma prática comum a todo aquele setor.

Iniciamos nosso trabalho pedindo aos professores que solicitassem uma redação sobre a malhação do Judas no bairro, idéia acatada e complementada pela direção que sugeriu um concurso cujo prêmio “de melhor redação” seria uma caixa de chocolates. Concordamos com a idéia e voltamos no dia seguinte.

Os professores anunciaram o concurso de redação com o tema “A Malhação do Judas em meu bairro” e logo alguns alunos procuraram a vice-diretora para certificar-se da existência do prêmio. Ela informou que os textos seriam analisados em outro lugar e que a premiação seria entregue na semana seguinte. O clima de empolgação era grande, crianças e adolescentes saíam das suas salas para verificar com a vice-diretora se a caligrafia estava boa, se o texto estava ficando bom. Aguardamos por duas horas os textos produzidos pelos alunos e alunas. Ao todo, coletamos 20 redações: 10 produzidas por meninas entre os 11 aos 13 anos, e as outras 10 produzidas por meninos na mesma faixa etária. Selecionamos uma redação por ano (série).

O primeiro texto que nos chamou atenção foi produzido pelo aluno

Renato, aluno do 7º ano, e nos pareceu muito completo. Ele citou os materiais utilizados, quais os lugares de exposição do boneco, que tipos de punições foram aplicadas ao Judas e por último, quem ele representava para o setor do seu bairro. Sua redação expressava o caráter de crítica social, pois o Judas encarnava os atores da televisão e outras vezes, outros moradores do bairro.

Na turma do 6º ano, tivemos mais dificuldade em selecionar um texto, o nível de escrita e a qualidade da produção textual mostraram-se em desenvolvimento. Selecionamos a redação da aluna Ângela, por encontrarmos os mesmos elementos apontados pelo texto de Renato.

Nos textos produzidos ficou evidente o sentido religioso associado à malhação do Judas. Entre as 20 redações coletadas, dez afirmaram que o boneco malhado guardava uma relação com o apóstolo Judas Iscariotes. Sobre as causas para o rito, as frases mais citadas são, por exemplo:

- *“Porque Judas traiu Jesus”.*
- *“Judas traiu o pai do céu”.*
- *“Judas traiu Jesus com um beijo e por causa deste beijo ele foi crucificado”.*
- *“Judas maltratou Jesus e isto é muito triste para mim”.*
- *“Para mostrar ao povo o traidor de Jesus”.*
- *“Ele (Judas) traiu Jesus e deve apanhar muito só de facada e paulada”.*
- *“Judas deu um beijo em Jesus, que significa o beijo da traição; aquele que ele beijasse, era o que seria preso, sacrificado e ter morrido por nós”.*

Ainda sobre a relação entre o personagem e Jesus, dois textos produzidos pelas alunas nos chamaram atenção. No primeiro, a aluna nos diz como se sente em relação a Judas Iscariotes:

Judas para mim não significa nada porque ele traiu meu pai do céu e traiu com um beijo no rosto de Jesus. Por isso que eu digo que nunca se iluda com um beijo, pois foi com um beijo que Judas traiu Jesus.

No segundo texto, outra aluna aponta os aspectos negativos da personalidade de Judas e o aproxima de seu tempo:

Judas é um homem que traiu Jesus e depois Jesus foi preso e ele se arrependeu e se enforcou. Judas é um homem que foi falso para Jesus é por isso que eu não gosto de Judas, ele é muito falso desmascarado e eu tenho nojo da cara dele. Se um dia eu ficasse de frente com ele, eu chamaria de tudo por que ele (Judas) é muito falso e eu nunca queria ver ele na minha frente. Na minha rua ninguém gosta dele porque ele é falso, todo mundo tem nojo dele, porque ele não sabe ser homem e amigo, é um falso e nojento.

Dos dez relatos que associam o boneco malhado no ritual ao apóstolo Judas Iscariotes, sete deles foram produzidos pelas meninas das duas séries analisadas. Ou seja, há uma maior propensão para o gênero feminino compreender o rito dentro de uma percepção mais religiosa, o que reforça o caráter da malhação do Judas enquanto rito masculino. Nestes textos citados também percebemos como a figura do “apóstolo traidor” é indicada como exemplo a ser evitado e modelo a ser banido.

Judas é considerado: lá no meu bairro eles montam para às 12:00 horas da noite, eles dão porrada, tiroteios, chute, matam, outros abraçam, beijam e etc. Judas traiu Jesus com algumas moedas e depois arrependeu-se e morreu sufocado, e ele deu um beijo em Jesus.

Judas deu um beijo em Jesus que significa o beijo da traição que aquele que ele beijasse era o que seria preso, sacrificado e ter morrido por nós.

Outros dois textos justificam a violência imputada ao boneco como uma vingança merecida pela humilhação e traição perpetrada contra Jesus de Nazaré; da mesma forma que Jesus partiu em cortejo até o Gólgota, os bonecos de Judas desfilam pelas ruas das Rocas e adjacências. Um estudante morador da favela do Vietnã nos deu a seguinte indicação:

Pegamos panos e roupas velhas e muita palha, um coco e uma garrafa de cana seca (aguardente), uma piuba (bituca)

de cigarro, arrumamos tudo e saímos em passeata para mostrar ao povo o traidor de Jesus. Se aproxima a hora, 12 horas, penduramos o Judas no poste, pegamos paus e facas para cortar o Judas e também fazemos máscaras de papel para correr nas ruas.

Numa outra redação, observamos a repetição dos mesmos elementos indicados acima:

Eu moro na Areia Branca. Eu matei (o Judas) em cima do poste. O Judas é mau tratado, ele retratou Jesus então, vamos retratar ele. O Judas será matado (morto) de 12h. No meu bairro tem um colega que se parece o Judas. O Judas é o homem que traiu Jesus.

Na maioria das redações vemos a banalização dos atos de violência pela clareza com que são descritas as penalidades e punições impostas ao boneco do Judas. Registramos em dezenove redações as agressões aplicadas. De acordo com os textos produzidos, os tipos de violência e as formas de agressividade mais comuns presentes no rito da malhação do Judas são por ordem de repetição: enforcamento (08), rasgação (06), paulada (06), espancamento (05), chutes e ponta pés (05), facada (04), atropelamento (03), tiro (03), afogamento (03), queimação (02), pedrada (02), cusparada (01), serração (01), xingamento (01).

Nas narrativas analisadas percebemos o caráter didático do rito, pois é do conhecimento dos jovens as razões que devem motivar a aplicação destes castigos violentos ao Judas, como também àqueles que o personificam, principalmente dentro do plano simbólico. Os adultos confeccionam os bonecos e, algumas vezes participam da malhação, entretanto são os mais moços que continuam a prática. Sendo assim, as punições aplicadas ao boneco do Judas servem de exemplo para aqueles que rompem com a ordem social estabelecida dentro do grupo.

No meu bairro, os Judas são enfeitados com pó de madeira, camisa, calças, cocos, sapatos, luvas. É pendurado nos postes, ou em cadeiras no chão, e várias coisas. Até nas cruzes se pendura. Botam cigarro na boca dele, até às vezes também botam gravata, botam camisinha com areia etc.

Também como é doze horas, várias pessoas matam ele e vários Judas.

Das outras dez redações coletadas, cinco delas associam a figura do boneco com outra pessoa que não corresponde ao apóstolo Judas Iscariotes: são vizinhos, colegas de escola, artistas ou personalidades locais que são representadas nos bonecos e imoladas publicamente. Como a produção do Judas é feita de forma coletiva, é possível que no grupo que o confeccionou haja as mesmas tensões e ambigüidades alimentadas em relação a determinado personagem local, real ou fictício.

Os Judas são muito engraçados com os estilos. Tem muita gente que faz o Judas que nem atores, pessoas que conhecem ou outras que nem boneco ou boneca de pano. São jogados nas pistas, nos rios e nos espinhos. Toram (rasgam) os Judas no meio, cortam a cabeça dele, arrancam as pernas deles, os braços. As pessoas dão pauladas no meio dele, são botados na cruz em cima dos metais, nos postes, em cima dos carros, são esmagados pelos carros.

Por fim, os últimos cinco textos apresentam uma narrativa de violência injustificada. Os autores destes textos não explicam quem é o boneco e as razões que os motivam a direcionar sua onda de agressividade para ele. Descrevem com requinte os castigos impostos aos Judas e apresentam uma familiaridade com os atos de violência desmedida. Como numa catarse, os jovens descrevem a malhação e finalizam seus textos apresentando uma agressão que é partilhada e conhecida por todos e encenada didaticamente a cada nova Semana Santa.

Lá na minha rua a gente faz o Judas com muito cuidado por que se a gente não fizer com carinho o boneco não vai ficar do jeito que a gente quer. A gente bota roupa nele, bota o sapato, o chapéu. Tem vezes que a gente bota um cigarro na boca dele.

Quando chega meia-noite é a hora que a gente mais gosta porque é a hora que a gente mete o pau no Judas, dá chute, murro, pega faca, pau, pedra e etc... A gente derruba ele do poste e começa a dar. Quando a gente cansa, deixa ele no

chão e os outros que saem de casa atrasados; o resto que sobrou do Judas eles dão nele mais do que a gente deu.

As narrativas infanto-juvenis oferecem os mesmos discursos apresentados pela faixa etária adulta, entretanto, diferente dos outros depoimentos coletados, as crianças e adolescentes expressam na escrita de suas redações, os focos de tensão existentes em suas vidas e indicam como fazem uso do rito da malhação do Judas para solucionar estes conflitos no campo do simbólico.

Oferecemos agora, a nossa versão para análise do rito da malhação do Judas.

4 CONCLUSÃO TEÓRICA: A Malhação do Judas sob o olhar da Antropologia

Um dos aspectos principais dentro da pesquisa etnográfica é perceber o sentido dado pelos indivíduos e grupos às diferentes práticas por eles realizadas. No tópico anterior, procuramos demonstrar como os moradores das Rocas interpretam o rito da Malhação do Judas.

Entretanto, já nos advertia Gilberto Velho: “(...) *cabe interpretar as interpretações dos universos investigados.*” (2003, p. 56). Partindo desta premissa tão forte na Antropologia Social, procuramos apresentar uma definição sobre o que é rito e ritual e, em seguida, as nossas interpretações da Malhação do Judas a partir das observações feitas e aproximações teóricas realizadas.

Para a definição de rito e ritual utilizamos o estudo do pesquisador Aldo Natale Terrin, num trabalho intenso de classificação do fenômeno ritual a partir das diversas escolas teóricas das Ciências Sociais. Buscando desenvolver a nossa interpretação sobre a Malhação do Judas, discutimos a teoria de sacrifício e a relação da violência com o sagrado apontada por René Girard como também os estudos clássicos de Marcel Mauss e Henri Hubert sobre o sacrifício. Mariza Peirano abre nossa exposição com seus dois interessantes materiais sobre rito e ritual, a partir de suas reflexões nos aproximamos também do conceito elaborado por Stanley Tambiah.

Neste esforço, fizemos a opção de utilizar a categoria ritual numa acepção mais abrangente como a apontada por José Sávio Leopoldi, definindo como ritual:

(...) não só as manifestações de carácter religioso, mas também as que não possuindo conotação religiosa são suscetíveis de expressar aspectos cruciais da estrutura da sociedade em que ocorrem. (1978, p. 21)

Esperamos com esta discussão, esclarecer os elementos teóricos da pesquisa e propiciar uma interpretação plausível para o rito investigado.

4.1 Rito, ritual e suas definições

Dentro da Antropologia é forte a perspectiva que o ritual transmite a ordem social vigente e que expresse uma rede de significados (GEERTZ, 1989) construída pelos indivíduos que partilham da experiência ritual. O ritual agrega os indivíduos e grupos ao mesmo tempo, envolvendo-os numa experiência totalizante.

A vida ritual nos cerca e nós nos mantemos constantemente atualizando estes ritos e criando novas ações rituais. Por mais que demonstremos estranhamento diante de algumas experiências rituais, colaboramos para fazer dele uma parte muito forte de nossa vida, seja ela voltada para o campo religioso ou não-religioso.

Mariza Peirano discute alguns elementos essenciais para o conceito de ritual sendo sua primeira observação de que a compreensão do que é rito só pode ser apreendida pela etnografia, ou seja, o pesquisador precisa: “(...)desenvolver a capacidade de apreender o que os nativos estão indicando como sendo único, excepcional, crítico, diferente.”(2003, p.9).

Sobre a natureza dos eventos rituais, a pesquisadora nos indica que os mesmos podem ser tanto profanos, quanto sagrados, eventos corporativos ou cívicos. O conteúdo explícito não é o mais importante e sim, as relações que estes fenômenos ajudam a estabelecer dentro do grupo social.

Outro aspecto apontado por Peirano diz respeito à função do rito. Segundo a autora: “*Consideramos o ritual um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo.*” (p.10)

O rito da Malhação do Judas pode ser examinado a partir do modelo proposto por Peirano. Antes de chegar ao campo, as pesquisas bibliográficas nos apontavam para um rito de imolação simbólica de Judas Iscariotes, como traidor de Jesus de Nazaré, numa forte relação com os aspectos religiosos da Semana Santa. Entretanto durante nossa etnografia pudemos observar outras interpretações para o rito no bairro das Rocas, num trabalho de seleção de materiais até a malhação do boneco e dos discursos construídos em torno da malhação.

Na análise do ritual da malhação do Judas apontamos uma dicotomia entre as interpretações dadas para o sagrado e o profano. Enquanto grupos de malhadores do boneco nas Rocas explicitam a necessidade de liberar suas tensões e sinalizar seus desafetos tanto nos planos individual e coletivo, outros malhadores fazem o boneco e ritualizam sua imolação para aliviar suas angústias espirituais aplicando castigos ao boneco representando a figura do apóstolo traidor. Os conflitos internos à comunidade são assim “nivelados” dentro do rito, e esta seria sua função principal. A figura costurada, surrada e queimada ao final da malhação tanto pode ser um sujeito como uma coisa, para a qual é transferida a aplicação das penas e castigos, imputando ao objeto estranho ao grupo a violência que pelo contrário voltaria à comunidade.

O Judas assume diversas faces, mas a seqüência ritual não se altera. O rito é “performático” (TAMBIAH, 1985) na medida em que os malhadores se comportam como os carrascos do Judas, proferindo palavrões, socos e pontapés enquanto o boneco ainda está sendo elaborado e por último, aplicando a pena final. Os malhadores agregam-se em torno daquele que está construindo o boneco e colaboram com materiais ou agressões.

No bairro das Rocas o drama da malhação é vivenciado dentro da realidade cotidiana. Algumas alterações ocorrem na fase ritual, mas os malhadores não partilham de uma vestimenta específica ou o uso de máscaras (de papel e tecido): todos sabem quem constrói os bonecos do

Judas e aguardam sua autorização para a malhação e queimação, após a meia-noite.

A idéia de ação performativa defendida por Tambiah sugere o caráter de repetição do rito (todos os anos, durante a sexta-feira da Paixão acontece a malhação após a meia-noite), a performance partilhada pelos participantes (sentimentos de ódio e vingança que se apoderam do grupo na hora da malhação) e por último no: “*sentido dos valores criados e inferidos pelos atores durante a ação*”: vingadores e justiceiros (Op. Cit.p.40).

Concluindo, o ritual é bom pra resolver os conflitos nas Rocas e ao mesmo tempo pra transmitir os valores sociais presentes no grupo.

Outra perspectiva de análise dos rituais é apontada pelo pesquisador italiano Aldo Natale Terrin. Para ele, o rito pode ser definido de várias maneiras; enquanto conceito, praxe, processo, ideologia, experiência e função. Segundo este autor: “*O rito coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá sentido do que é importante e do que é secundário. O rito nos permite viver num mundo organizado e não-caótico.*” (2004. p. 19).

Terrin faz uma interessante distinção entre o rito e o ritual. O rito seria a ação realizada em determinado espaço-tempo. Enquanto o ritual seria a idéia que construímos em torno do conceito de rito. Para Terrin, o vivido e o imaginado se encontram reunidos no rito.

Segundo o pesquisador: “*(...)o rito é uma ação que se realiza com objetos e com gestos, em relação a pessoas e a situações deste mundo e que, nesse sentido, o simbólico tem também a contrapartida do pragmático*”. (Op. Cit. p.30).

Assim, compreendemos que os ritos estabelecem uma ponte entre o vivido e o imaginado e aproximam estas duas esferas da vida social. Fazendo uma paráfrase: os ritos são bons tanto para viver, quanto para pensar.

Terrin faz ainda uma classificação histórico-religiosa dos ritos e dentre suas definições, a que mais se aproxima de nossa interpretação da malhação do Judas é a sua análise dos ritos sacrificais:

(...) são uma outra especificação das ofertas primiciais e se referem sobretudo ao sacrifício de animais. Talvez constituam uma das formas mais antigas de ritual, talvez o ritual

por excelência, e que, (...) deu origem ao senso religioso.
(Op. Cit. p.40).

Retomaremos a discussão sobre esta classificação do rito adiante com René Girard e Marcel Mauss.

Terrin aponta ainda os ritos de passagem como importantes para a compreensão dos rituais ligados ao ciclo da vida. Foram os estudos de Van Gennep e Victor Turner que forneceram a estrutura clássica de todo rito: separação, liminaridade e reagrupamento. No capítulo 1 desta dissertação, analisamos a malhação do Judas a partir do esquema proposto por Van Gennep e Turner; entretanto, vale salientar dois aspectos sugeridos pelos antropólogos citados: “(...)o caráter sociointegrativo e a função catártica parecem, (...), ser duas dimensões complementares de qualquer rito de passagem”(Op.Cit. p.44).

Os ritos cíclicos são outra classificação importante, e, mais uma vez enquadrámos a Semana Santa quanto *locus ritual*. A festa da Páscoa cristã se inscreve num antigo calendário de celebrações das estações do ano, na qual ritos para regeneração da natureza eram feitos para garantir o retorno do sol ou o renascimento da vegetação. Segundo o pesquisador: “(...)também no âmbito cristão não se pode negar que, por exemplo, as festas do Natal e da Páscoa estão ligadas a precisos períodos sazonais e estão em estreita ligação com o ciclo temporal e sazonal”(Op. Cit. p.45).

Acreditamos que a malhação do Judas possa ser lida enquanto um rito ligado aos processos regenerativos, no caso, a ressurreição de Jesus. A malhação nos indica que é preciso matar o Judas e assim, receber o Cristo redivivo no romper do Sábado de Aleluia.

Das diversas interpretações sobre o rito, a antropologia sociofuncionalista é a que nos fornece os elementos mais indicados para a análise que buscamos realizar como através da obra clássica de Marcel Mauss e Henri Hubert, Sobre o sacrifício (MAUSS; HUBERT, 2005), que nos forneceu os elementos-chave para a discussão realizada por René Girard e para nossa análise do rito da malhação do Judas.

Mauss e Hubert procuraram no ensaio explicar a natureza e a função social do sacrifício e determinaram quatro elementos principais deste fenômeno: sacrificante, vítima, divindade e o sacrificador. No nosso quadro de análise, podemos sugerir que tanto o sacrificante quanto o

sacrificador são representados pela comunidade, enquanto à vítima é simbolicamente apresentada como o Judas, que catalisa diversas tensões, conflitos e desavenças presentes no bairro. A divindade (Jesus Cristo) pode ser vista como a ordem social que deve ser mantida em harmonia e longe das crises causadas pelas rivalidades constantemente elaboradas.

Em torno da questão dos efeitos do sacrifício Mauss e Hubert apontam:

A ação irradiante do sacrifício é aqui particularmente sensível, pois ele produz um duplo efeito: um sobre o objeto pelo qual é oferecido e sobre o qual se quer agir, outro sobre a pessoa moral que deseja e provoca este efeito. (Op. Cit. p.17).

Buscando pensar a malhação do Judas nessa perspectiva, podemos indicar que o rito tem um duplo efeito: primeiro, procura-se castigar a representação do Judas aplicando a pena imputada por aquele grupo social; segundo, procura-se livrar a comunidade (pessoa moral) dos germens da violência que a assola durante seu cotidiano. Segundo Terrin:

Ora, o sacrifício – e o rito enquanto tal, num segundo momento - teria a função de remediar a situação original, de eliminar as relações de tensão, os dissensos, as invejas, as brigas, trazendo de volta a harmonia à comunidade. (Op. Cit. p.93)

Ou seja, o sacrifício de uma vítima elimina a violência, o que deve ser repetido de forma ritual para que o espectro da crise não se manifeste na comunidade.

Buscando inserir o nosso objeto empírico nesta perspectiva, acreditamos que o sacrifício do Judas representa “uma violência sem risco de vingança” dentro da concepção girardiana.

Para explicitar melhor nossa idéia, recorreremos à obra do próprio René Girard. Segundo este antropólogo, os homens partilham de instintos responsáveis pela geração de rivalidades, tensões e finalmente, conflitos, o que justificaria o estado natural da violência. Mas como afastar esta violência? A presença de uma vítima expiatória pronta para

o sacrifício apresenta-se como o mecanismo capaz de interromper o “ciclo mimético”(GIRARD, 1998, p. 08-10). Desta forma, a função do sacrifício seria apaziguar a violência e impedir o surgimento de uma nova crise decorrente das constantes rivalidades dentro do grupo. Nas palavras de Girard:

Tudo leva a crer que os humanos acabam sempre engendrando crises sacrificiais suplementares que exigem novas vítimas expiatórias para as quais se dirige todo o capital de ódio e desconfiança que uma sociedade determinada consegue pôr em movimento. (Op. Cit. p.09)

O papel central é dado à vítima, pois é ela que polariza todas as rivalidades presentes na comunidade, sendo que o seu sacrifício protege todo o grupo de sua própria violência. Ou seja, há uma transferência dos rancores e tensões da comunidade para a vítima sacrificial.

Aproximando mais uma vez o nosso objeto empírico da discussão, a malhação nas Rocas condensa a agressividade latente que será despejada sobre Judas durante a Semana Santa. Todos os rancores e disputas são substituídos pelo Judas, o catalisador da crise. O sacrifício do Judas no rito da malhação elimina os germens da violência, restaurando a harmonia dentro do bairro e reforçando a unidade social entre os grupos.

Porque Judas é a vítima nos ritos da comunidade? Ora, apenas “outsiders” servem como vítimas de sacrifício. Além do mais, é necessário escolher uma vítima pela qual não seja iniciada uma vingança. Simbolicamente o Judas foi banido da comunidade cristã por delatar Jesus de Nazaré, cometendo em seguida, o suicídio. É uma vítima pela qual ninguém vai reivindicar uma vingança. Segundo Girard:

O desejo de violência é dirigido aos próximos, mas como ele não poderia ser saciado à sua custa sem causar inúmeros conflitos, é necessário desviá-lo para a vítima sacrificial, a única que pode ser abatida sem perigo, pois ninguém irá desposar sua causa. (Op. Cit. p.26)

O boneco do Judas representa simbolicamente todo indivíduo ou coisa pela qual a comunidade nutre desavenças, guarda rancores ou rivalidades. É comum na Semana Santa os bonecos assumirem feições

de personalidades públicas e locais, sendo posteriormente rasgados e queimados.

Em uma das visitas ao campo, pudemos acompanhar a confecção de um boneco de Judas (capítulo 3). Enquanto os materiais estavam sendo reunidos para a elaboração do boneco, um indivíduo aproximou-se da responsável pela confecção do Judas e sugeriu que a mesma colocasse as cores da agremiação de samba rival nas roupas do Judas. O aspecto da rivalidade está bem apresentado no diálogo que seguii a esta cena. A responsável pelo boneco disse que não faria isto, para evitar o conflito com o líder da outra escola de samba, e concluiu dizendo: *aquele povo gosta muito de confusão*. A disputa e o conflito é algo inerente ao grupo social, mas podem ser resolvidos no plano do simbólico e da festa.

Podemos entrar no aspecto catártico do rito da malhação do Judas e na sua análise pelo tempo destinado ao sagrado. A malhação ocorre durante a celebração da Semana Santa cristã e anterior ao Domingo de Páscoa, logo o rito profano encontra seu espaço dentro do tempo religioso. A Igreja Católica não se posiciona contra a queima do boneco de Judas nem condena a onda de agressividade e violência que irrompe com o rito. Segundo Girard isto acontece por todos partilharem de um desconhecimento em relação ao papel da violência durante os ritos de sacrifício, e aqui, situamos a malhação do Judas. Para Girard: *“É a violência que constitui o verdadeiro coração e a alma do sagrado”*. (Idem)

É claro que a tese de René Girard não é de todo inédita. Foram os estudos de Marcel Mauss e Henri Hubert que forneceram os primeiros elementos para o estudo do sacrifício. Nossa interpretação é de que podemos analisar o rito da malhação do Judas enquanto sacrifício, utilizando-se para isto dos aspectos apontados pelos dois estudos. Apesar de René Girard não ver a possibilidade de existência deste tipo de rito na sociedade contemporânea, acreditamos que o sacrifício dá-se no plano simbólico, ajudando a manter a ordem social e apaziguando os conflitos presentes na comunidade.

CONCLUSÃO

Nesta dissertação procuramos apresentar uma descrição e possível versão interpretativa da malhação do Judas nas Rocas, rito que ocorre durante os festejos de Semana Santa, especificamente na Sexta-Feira da Paixão.

Através da coleta de depoimentos e entrevistas traçamos um quadro sobre as diversas visões internas e externas construídas sobre as Rocas. Estas percepções locais e não-locais foram fundamentais para a reflexão sobre a identidade da população das Rocas. Como a festa é o que dá uma visibilidade positiva ao bairro acreditamos ser o “roqueiro”, melhor definido externamente e internamente por uma “identidade festiva.” Inscrita no calendário festivo do bairro como um dos seus eventos principais, a malhação pode ser considerada um rito de caráter punitivo próximo do sacrifício, onde a vítima encarna todas as tensões coletivas e individuais. Sendo destruída, leva consigo os germens da violência, que poderia destruir a ordem social presente naquele bairro. É a violência contra o objeto (boneco do Judas) que impede a mesma violência de se propagar entre os moradores das Rocas. Quem ele personifica? Tudo e todos: o Judas pode ser um boneco confeccionado a partir de variados materiais e sem guardar nenhuma relação concreta com o personagem histórico-cristão, mas ele também pode ser uma representação do apóstolo Iscariotes, identificado pela “traição” ao seu mestre. A utilização de sucata ou roupas velhas na sua confecção reforça um sentimento de identificação à figura do traidor de Jesus de Nazaré: vestido como “um de nós” ele nos distancia dos sentimentos cotidianos de inveja, da ganância e traição e nos aproxima da virtude e dos princípios cristãos, por isso, talvez, ele deva ser sacrificado por crianças, supostamente puras e desprovidas das vilãs motivações repudiadas nesta festa.

Por isso também o boneco do Judas é frequentemente identificado às personalidades locais ou às autoridades políticas merecedora das críticas e queixas que partem da comunidade. A malhação recebe assim diferentes sentidos e sua prática renova-se a cada Semana Santa. O Judas nas Rocas é um e ao mesmo tempo vários e a sua malhação é rica de interpretações, o que se configura como um desafio para construção de uma etnografia no campo do rito e conflito. Entretanto, apesar das dife-

rentes visões sobre a figura que é malhada anualmente, permanece em comum a necessidade do ritual de sacrifício de um boneco e a aplicação das punições com requintes de crueldade e consentimento de todos os membros do bairro.

A malhação do Judas é algo vivenciado desde a infância, e os relatos fornecidos pelos estudantes do 6º- e 7º- ano da Escola Estadual Café Filho revelam essa participação em todos os momentos do rito, desde a escolha de materiais, passando pela confecção até a malhação.

A pesquisa em torno de uma figura marginalizada da cultura cristã ocidental possui muitas limitações. Entretanto as maiores dificuldades foram encontradas pelas poucas fontes de referência sobre esse que é, no entanto um rito presente em terras brasileiras desde o período colonial. Porque a malhação do Judas não recebeu a devida atenção dos folcloristas, dos antropólogos e sociólogos? Porque o descaso com as dinâmicas sociais resultantes deste rito? São questões para um posterior debate. Entretanto sabemos que apesar da “descrição tensa” que precisamos realizar em diversos momentos da pesquisa, esta dissertação pode contribuir para a abertura de outras janelas, em outros bairros de nossa cidade que apontem para o entendimento destas e outras práticas inscritas dentro do universo urbano e que transitam entre os dois mundos: o religioso e o laico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, João Ferreira de. *A Bíblia Sagrada*. Barueri-SP: Sociedade bíblica do Brasil, 1993. 2.ed.
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário histórico de religiões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BARTH, Fredrik. *O guru, os iniciados e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália, séculos XV-XIX*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas: Papirus, 1989.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Mouros, franceses e judeus: Três presenças no Brasil*. São Paulo: Global, 2001. p.91, 102.
- . *Dicionário do folclore brasileiro*. 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979. p. 417-419.
- CASTELO BRANCO, Samantha. *Novela de Judas sem a morte da cultura popular: a convivência entre os sistemas culturais*. In: *Comunicação e sociedade*. São Bernardo do Campo: UMESP. n°. 27, 1997.
- CHIANCA, Luciana. *A festa do interior. São João, migração e nostalgia em Natal no século XX*. Natal: EDUFRN, 2006.
- CORDEIRO, Graça Índias. *Territórios e identidade: sobre escalas de organização sócio-espacial num bairro de Lisboa*. In: *Estudos históricos. Sociabilidades*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2001, n°. 28.

- Um lugar na cidade. Lisboa: Edições Dom Quixote, 1997.
- DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins e Fontes, 2003.
- ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. A essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil, 1961.
- ELIAS, Norbert. SCORTSON, John L. Os estabelecidos e os “outsiders”. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GENNEP, Arnold Van. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 1977.
- GIRARD, René. A violência e o sagrado. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1998.
- . O bode expiatório. São Paulo: Paulus, 2004.
- GOFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GURGEL, Deífilo. Espaço e tempo do folclore potiguar. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2001.
- HOMEM, Homero. Cabra das Rocas. 14 ed. São Paulo: Ed. Ática, 2003.
- IDEMA. Anuário estatístico, 2004. v. 31.
- LEOPOLDI, José Sávio. Escola de samba, ritual e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1978.
- LYRA, Carlos. Natal através do tempo. Natal: Sebo Vermelho, s/d.
- . Natal através do tempo II. Natal: Sebo Vermelho, s/d.

- LURKER, Manfred. Dicionário de simbologia. São Paulo: Martin e Fontes, 2003.
- MAUSS, Marcel. HUBERT, Henri. Sobre o sacrifício. Rio de Janeiro: Cosacnaif, 2005.
- MENDES, Andréia Regina Moura. Venha ver - A cruz de palha e seus poderes: uma referência ao mezuzá judaico? Natal: UFRN, 2004 (monografia apresentada ao Curso de especialização em Antropologia Social pela UFRN).
- MEYER, Marvin. WURST, Gregor. KASSER, Rodolphe. The gospel of Judas. Washington: National Geographic Society, 2006.
- MIRANDA, João Maurício Fernandes. Evolução Urbana de Natal em 400 anos: 1599- 1999. Natal: Governo do Estado. Coleção Natal 400 anos, 1999. v. 7.
- MOTA, Ático Vilas-Boas da. Queimação do Judas: catarismo, inquisição e judeus no folclore brasileiro. Rio de Janeiro: MEC-SEAC- Funarte: Instituto do folclore, 1981.
- OLIVEIRA, Ernesto da Veiga. Festividades cíclicas em Portugal. Coleção Portugal de perto. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1974.
- OLIVEIRA, P. A. R. Religiosidade popular na América latina. In: Revista Eclesiástica Brasileira. V. 32, fasc. 126, junho de 1972.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: Revista de antropologia. São Paulo: USP, 1996, V. 39. nº. 1, P. 15.
- PEDREIRA, Flávia de Sá. Chiclete eu misturo com banana: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal (1920-1945). Natal: EDUFRN, 2005.
- PEIRANO, Mariza. Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

- PIRES, Flávia Ferreira. Quem tem medo de mal-assombro: religião e infância no semi-árido nordestino. Rio de Janeiro: UFRJ: Museu Nacional, 2007. Tese de doutorado em antropologia social.
- SOUSA FILHO, Alípio de. 2ª ed. Medos, mitos e castigos: notas sobre a pena de morte. São Paulo:Cortez, 2001.
- TERRIN, Aldo Natale. O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paulus, 2004.
- TURNER, Victor W. O processo ritual: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- . Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- . A utopia urbana: um estudo de antropologia social. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002,
- . Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- WANDERLEY, Palmyra. Roseira brava e outros versos. Natal: Fundação José Augusto, 1965.
- WANDERLEY, Rômulo C. Panorama da poesia Norte Rio-Grandense. Rio de Janeiro: Edições do Val Ltda., 196

ANEXOS E FOTOS

Anexo 1

Tabela 1 – Cálculo das festas móveis (carnaval e páscoa) elaborado por Andréia Mendes

www.novomilenio.inf/porto/mapas/nmcalenp

Ano	Domingo de Carnaval	Terça de Carnaval	Domingo de Páscoa
1950	19 de fevereiro	21 de fevereiro	09 de abril
1951	04 de fevereiro	06 de fevereiro	25 de março
1952	24 de fevereiro	26 de fevereiro	13 de abril
1953	15 de fevereiro	17 de fevereiro	05 de abril
1954	07 de março	09 de março	25 de abril
1955	20 de fevereiro	22 de fevereiro	10 de abril
1956	12 de fevereiro	14 de fevereiro	01 de abril
1957	03 de março	05 de março	21 de abril
1958	16 de fevereiro	18 de fevereiro	06 de abril
1959	08 de fevereiro	10 de fevereiro	29 de março
1960	08 de fevereiro	10 de fevereiro	29 de março
1961	12 de fevereiro	14 de fevereiro	02 de abril
1962	04 de março	06 de março	22 de abril
1963	24 de fevereiro	26 de fevereiro	14 de abril
1964	09 de fevereiro	11 de fevereiro	29 de março
1965	28 de fevereiro	02 de março	18 de abril
1966	20 de fevereiro	22 de fevereiro	10 de abril
1967	05 de fevereiro	07 de fevereiro	26 de março
1968	25 de fevereiro	27 de fevereiro	14 de abril
1969	16 de fevereiro	18 de fevereiro	06 de abril
1970	08 de fevereiro	10 de fevereiro	29 de março
1971	21 de fevereiro	23 de fevereiro	11 de abril
1972	13 de fevereiro	15 de fevereiro	02 de abril
1973	04 de março	06 de março	22 de abril
1974	24 de fevereiro	26 de fevereiro	14 de abril
1975	09 de fevereiro	11 de fevereiro	30 de março

Ano	Domingo de Carnaval	Terça de Carnaval	Domingo de Páscoa
1976	29 de fevereiro	02 de março	18 de abril
1977	20 de fevereiro	22 de fevereiro	10 de abril
1978	05 de fevereiro	07 de fevereiro	26 de março
1979	25 de fevereiro	27 de fevereiro	15 de abril
1980	17 de fevereiro	19 de fevereiro	06 de abril
1981	01 de março	03 de março	19 de abril
1982	21 de fevereiro	23 de fevereiro	11 de abril
1983	13 de fevereiro	15 de fevereiro	03 de abril
1984	04 de março	06 de março	22 de abril
1985	17 de fevereiro	19 de fevereiro	07 de abril
1986	09 de fevereiro	11 de fevereiro	30 de março
1987	01 de março	03 de março	19 de abril
1988	14 de fevereiro	16 de fevereiro	03 de abril
1989	05 de fevereiro	07 de fevereiro	26 de março
1990	25 de fevereiro	27 de fevereiro	15 de abril
1991	10 de fevereiro	12 de fevereiro	31 de março
1992	01 de março	03 de março	19 de abril
1993	21 de fevereiro	23 de fevereiro	11 de abril
1994	13 de fevereiro	15 de fevereiro	03 de abril
1995	26 de fevereiro	28 de fevereiro	16 de abril
1996	18 de fevereiro	20 de fevereiro	07 de abril
1997	09 de fevereiro	11 de fevereiro	30 de março
1998	22 de fevereiro	24 de fevereiro	12 de abril
1999	14 de fevereiro	16 de fevereiro	04 de abril
2000	05 de março	07 de março	23 de abril
2001	25 de fevereiro	27 de fevereiro	15 de abril
2002	10 de fevereiro	12 de fevereiro	31 de março
2003	02 de março	04 de março	20 de abril
2004	22 de fevereiro	24 de fevereiro	01 de abril
2005	25 de fevereiro	27 de fevereiro	15 de abril
2006	26 de fevereiro	28 de fevereiro	16 de abril
2007	18 de fevereiro	20 de fevereiro	08 de abril
2008	03 de fevereiro	05 de fevereiro	23 de março
2009	22 de fevereiro	24 de fevereiro	12 de abril
2010	14 de fevereiro	16 de fevereiro	04 de abril

Anexo 2 – Fotografias

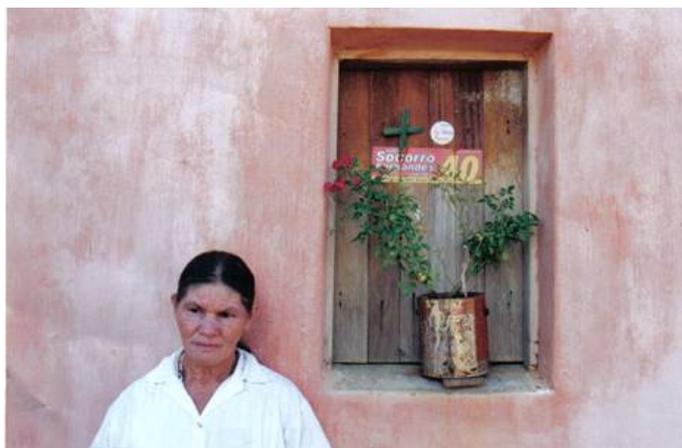


Ilustração 17: Cruz de palha fixada na janela da casa. Localidade
Bandeira. Município de Venha Ver. Março/2004.
Foto: Zildalte Macêdo



Ilustração 18: Cruz de palha fixada na porta de entrada da casa.
Localidade de Riachão. Município de Venha Ver. Março/2005.
Foto: Zildalte Macêdo



Ilustração 19: Malhadores do Judas em Venha Ver. Março/2005.
Foto: Zildalte Macedo.



Ilustração 20: Malhadores do Judas do Sítio Salgada/ Venha Ver Março/2005.
Foto: Zildalte Macedo.

ANEXO 3 – Entrevistas

Entrevista 1

1) Cite os aspectos positivos e negativos sobre a vida no bairro das Rocas:

Os aspectos positivos do bairro das Rocas é a localização, perto do centro da cidade, das praias urbanas para caminhar, posto de saúde, banco, Correios, supermercado, feira, ônibus pra qualquer parte da cidade, embora hoje seja preciso pegar primeiro o circular para ir até a Ribeira, e chegar a Zona Norte da cidade, mas não se paga uma condução a mais por isso. Os aspectos negativos, eu diria que estão ligados à parte física do bairro, várias ruas alagam quando chove forte, como por exemplo, o início da Rua do Areal, e a Vila Ferroviária. Em alguns locais na época que morei lá, tinha também a questão da limpeza urbana, durante muito tempo, entre a Vila Ferroviária e a Travessa das Donzelas existiu um local onde os moradores depositavam lixo, e com isso acumulavam insetos e odores desagradáveis. Hoje no local (frequente o bairro, pois tenho parentes e pessoas amigas por lá) isso não existe mais, mas em outros locais do bairro ainda encontramos esse tipo de problema. Há também o estigma do bairro de ser perigoso, mas quem mora lá sabe que não é bem assim, existem os locais que apresentam mais perigo que outros, em muitas ruas ainda prevalecem à paz. Além disso, acho que quem mora lá, acaba tendo imunidade à violência. Já tive vizinhos que roubavam e se drogavam, mas nunca incomodou ninguém de minha residência, a não ser quando entravam em crise e fazia muito barulho.

2) Qual o traço cultural mais marcante do bairro?

Não sei dizer exatamente qual o traço mais marcante do bairro, pois pouco vivenciei, a primeira vez que morei lá foi dos 5 aos 12 anos de idade. Bom, mas talvez seja o carnaval, há tantas escolas de samba, elas desfilavam pelo bairro antes de irem para a avenida, e também depois da vitória, pois lembro que quando não era o Balanço do Morro, era Os Malandros do Samba que venciam o carnaval, como é até hoje praticamente. Embora não goste de carnaval, na época ainda não tinha opinião formada, e gostava de ver o “desfile”, todas passavam pela Rua

do Areal. Além das duas escolas já citadas, havia também Os crioulos do samba, formado só por homossexuais, era uma diversão vê-los fantasiados de mulher, muitos deles nossos conhecidos do dia-a-dia. Havia também os Índios e a famosa bagunça de PV que sai todos os dias de carnaval pelas ruas do bairro. As festas juninas também têm presença nas Rocas, são formados diversos arraiais, e algumas vezes os “noivos” desfilavam de charrete pelo bairro (não sei se ainda existe isso). Quanto a malhação do Judas, lembro vagamente das crianças correndo com um pelas ruas, acho que foi o que menos me chamou atenção. A segunda vez que morei nas Rocas foi dos 19 aos 29 anos, aí já trabalhava, entrei na UFRN, e não tive tempo de observar os acontecimentos do bairro.

3) Existe de fato uma identidade de “roqueiro”? Quais são seus elementos principais?

Se existe uma identidade de “roqueiro” não sei lhe dizer com precisão. Como já disse, não vivenciei as Rocas, estudei até os dez anos em escola do bairro, a Escola Estadual Café Filho, mas depois quis vir estudar no Ary Parreiras no Alecrim, e perdi até a convivência com as crianças e adolescentes de lá, exceto os da família. Dessa época, só tenho notícias de uma única menina, elas tinham interesses diferentes do meu, logo cedo se tornaram mães solteiras, pararam de estudar, etc., o que é muito comum por lá. Quando criança vivia muito pelas calçadas da rua, brincando com a criançada, muitas vezes na frente de minha casa. É comum no bairro, você encontrar as pessoas na calçada conversando com os vizinhos, principalmente observando a vida alheia. Na minha opinião, a identidade do roqueiro está relacionada a festividade, acho que o “roqueiro da gema” é muito festivo, seja pelo que for. Antigamente na época da política as Rocas era dividida entre “bacuraus” (o maior número) que odiavam as “araras” e vice-versa. Sai pela tangente da sua pergunta, mas talvez você consiga aproveitar alguma coisa.

4) Que tipo de sociabilidade pode ser vista no bairro?

Os vizinhos até eu sair de lá, ainda era do tipo de enviar um bolo ou uma comida diferente um pro outro, e quando ia devolver o prato sempre levava alguma coisa em troca do que recebeu. Era a política da boa vizinhança. Em alguns locais é comum a ajuda mútua entre os

vizinhos na hora de necessidade. E as festas é a maior sociabilidade entre os moradores, hoje existe até o canarocas, não é da minha época.

5) Que tipo de conflitos você verificou no bairro?

São tantos... Acho uma parte das pessoas que moram no bairro muito invejosas, e daí vem o conflito entre vizinhos e adjacentes. A ociosidade dos moradores também leva à conflitos entre eles. E como já falei, o conflito relacionado a opinião política é muito forte ainda nos dias de hoje, de vizinho soltar piada pro outro, brigar por idéias “partidárias” (na verdade, defendem “fulano” e “cicrano”).

6) Na sua rua ocorria a malhação do Judas? Quem participava? Qual o dia da semana escolhido para isto?

Acho que ocorria a malhação do Judas, mas é tudo muito vago na minha mente, não sei se era na minha rua, ou se havia uma reunião de ruas, pois morava praticamente numa encruzilhada, entre as Ruas do Areal, São João, Vila Ferroviária, Trav. das Donzelas e Rua das Dunas. Lembro dos moleques correndo com um boneco de pano nos dias de sábado, acho até que Alvinho, um morador da rua ajudava a fazer o Judas. Sinceramente, não tenho muito o que dizer.

Entrevista 2

01) Cite os aspectos positivos e negativos sobre a vida no bairro das rocas.

Positivos:

- A orla marítima;
- O ar é renovado todos os dias;
- Para moradores do bairro é muito tranquilo no que diz respeito sair para praia passear no calçadão;
- A população é hospitaleira e animada no que diz respeito a festas populares;

- Ainda é possível se conseguir um peixe fresquinho no canto do mangue;
- Acho que é o único bairro que tem naturalidade própria, quem nasce nas rocas é o típico “roqueiro” e eles tem orgulho disso.

Negativos:

- A marginalização;
- A falta de uma boa educação;
- A mentalidade eles não pensam em terem sucesso, ou seja, não tem uma melhor expectativa de vida;
- As drogas circulam livremente creio eu que mais que em outros bairros;
- A prostituição infantil é algo marcante, talvez devido ser um bairro próximo da praia isso deve atrair o turismo sexual de garotas até menores de idade.
- A saúde ao longo de 20 anos não conheço nenhum novo hospital ou posto de saúde construído naquela região e a população certamente cresceu bastante.

02) Qual o traço cultural mais marcante do bairro?

O carnaval de rua: que tem um muito famoso que é conhecida ainda hoje como bagunça de PV.

03) Existe de fato uma identidade de “roqueiro”? Quais são seus elementos principais?

Eu acho que não existe mais essa identidade, mas é um povo que guarda ainda muitas tradições tais como: carnaval de rua, malhar o Judas, o gato no pote, bingos de bares, etc.

04) Que tipos de conflitos você verificou no bairro?

Brigas entre gangues, por pontos de vendas de drogas, brigas pelo poder das bocas de fumo, etc. coisas do tipo.

05) Na sua rua ocorria a malhação do Judas? Quem participava? Qual o dia da semana escolhido para isto?

Ocorria sim era a maior festa, os moradores mais antigos preparavam geralmente na sexta e penduravam nos postes a uma altura de cerca de dois metros e no sábado depois de meia noite todos os jovens entre 10 e 16 anos destruíam eles com chutes pontapés etc. Sempre fazendo a maior festa.

Entrevista 3

1 – Cite os aspectos positivos e os negativos sobre a vida no bairro das Rocas.

Minha vivência nas Rocas compreendeu minha infância e pré-adolescência, saí de lá em 1977. Guardo na memória as lembranças das muitas práticas culturais que se multiplicavam pelo bairro a começar pela feira livre, nosso espetáculo sinestésico semanal. Era um período em que os televisores e telefones eram raros, a arquitetura das casas conjugadas aproximava as pessoas, talvez por esse motivo, todos se conheciam pelo nome, havia ainda o costume das cadeiras nas calçadas e o quintal da meninada era a rua.

Dormíamos ao som dos terreiros de umbanda e acordávamos com o chorinho tocado nos rádios. Quando mudei de bairro estranhei o silêncio noturno. No carnaval, os moradores participavam das escolas de samba, tribos de índios e bagunças, alguns se fantasiavam de papangú apavorando as crianças.

Na Semana Santa o hábito católico de consumir pescados aumentava o movimento no Canto do Mangue, havia também a malhação do Judas. O mês de maio era marcado pelas novenas e terços diante da imagem da Virgem de Fátima, a santa cumpria um circuito pelas casas dos devotos e as famílias rezavam, acendiam velas e enfeitavam de flores o altar improvisado. Em junho costumava-se decorar algumas casas com bandeirinhas e balões feitos de papel de revista, preparava-se a comida típica à base de milho e as fogueiras se multiplicavam pelas ruas às vésperas dos dias dedicados aos santos juninos. No tempo de tana-jura (as ruas eram de terra) adultos e crianças corriam para apanhá-las

e comê-las fritas na manteiga. Formavam-se filas de meninos diante dos terreiros no dia de Cosme e Damião para ganhar confeitos e doces. Tive como vizinhos uma rendeira, um mestre de boi que se chamava Mateus e assisti pela primeira vez um desafio de viola a poucos metros de casa. Muitos foram os banhos de mar nas Praias do Meio, do Forte e dos Artistas. Na época do Natal, apresentações de boi de reis e pastoris aconteciam nas ruas, visitávamos os presépios montados nas igrejas e a festa de Santos Reis com suas barracas e parques de diversão arrasava muitos moradores ao bairro próximo. Lembro ainda das sessões de cinema aos domingos no Cine Panorama, muito chique! O trânsito de todo tipo de pessoa na mercearia de meu pai, os vários vendedores de rua com seus pregões, tudo isso pra mim foi positivo e marcante, como aspectos negativos, posso destacar as brigas de casais, as bebedeiras e os assaltos, quando a polícia chegava, tudo se acalmava.

2 – Qual o traço cultural mais marcante do bairro?

Creio que a referência como berço do samba natalense ainda permaneça, da mesma forma, a convergência ao Canto do Mangue para a compra de peixes na Semana Santa. As Rocas era conhecida também como espaço boêmio e de grandes tradições folclóricas.

3 – Existe de fato uma identidade do “roqueiro”? Quais são os seus elementos?

Como expliquei, minha impressão sobre as Rocas está associada ao tempo da minha meninice, um momento significativo e de boas lembranças, a idéia de pertencimento que guardo é de gratidão por ter sido um ambiente favorável à liberdade infantil e à minha formação como pessoa diante de muitos e relevantes aspectos da cultura popular potiguar.

4 – Na sua rua ocorria a Malhação do Judas? Quem participava? Qual o dia da semana escolhido para isto?

Na noite de sexta para o sábado, nas casas que dispunham de um quintal para as criações, as galinhas eram guardadas dentro de casa para não serem roubadas, um costume tradicional. A malhação ocorria no sábado quando amanheciam vários Judas amarrados nos postes, “enforcados” ou “sentados” à frente das casas. Minha casa era de esquina e

nas duas ruas à direita e à esquerda e nas demais adjacentes. Dentro dos bonecos colocavam maços de cigarro ou cédulas de dinheiro, por esse motivo os adultos e adolescentes eram os primeiros a insultá-los e destroçá-los em busca dos prêmios, puxavam-lhes os membros, batiam-lhes com paus, alguns eram arrastados pelas ruas e finalmente queimados. Cabiam desse modo, ao bando de crianças, apenas as sobras da farra.

Entrevista 4

1 – Cite os aspectos positivos e os negativos sobre a vida no bairro das Rocas.

Eu morava na rua do motor. Não considerávamos a rua do motor como Rocas, e na verdade não é, é Praia do Meio. Lembro que às vezes era Petrópolis, outras Praia do Meio, mas não Rocas. Ser das Rocas significava ser mal-visto nos lugares. Isso era a imagem que eu tinha quando criança.

Contudo, apesar dessa imagem, eu tinha amigos que moravam nas Rocas, parentes, sempre os visitava e nunca achava nada de mais lá... Pelo contrário, me sentia muito à vontade, eram pessoas com as quais tinha muita identidade...

2 – Qual o traço cultural mais marcante do bairro?

Acredito que as escolas de samba.

3 – Que tipo de sociabilidades podem ser vistas no bairro?

As escolas de samba eram espaços de sociabilidade. As festas populares também.

4 – Que tipos de conflitos você verificou nas Rocas?

Acho que os principais conflitos estavam ligados à “violência” causada pela precariedade das condições do lugar.

5 – Na sua rua ocorria a Malhação do Judas? Quem participava? Qual o dia da semana escolhido para isto?

Sim, havia. Era um dia onde sempre via muitos meninos, gritando, correndo, fazendo o maior barulho. Não lembro o dia exatamente, mas o período – semana santa. Nesse dia, era difícil dormir antes da meia noite, ficávamos esperando a malhação.

Anexo 4

Textos Produzidos pelas Crianças da Escola Estadual Café Filho/ Rocas

Texto 1- A malhação do Judas no meu bairro⁶⁷

Lá na mia rua agente faz o Judas com muito cuidado para que se aguento não fizer com carinho o boneco não vai ficar do geito que agente quer.

Agente bota a roupa nele e bota o sapato, o chapéu, tem vezes que agente bota um cigarro na boca dele.

Quando chega a meia-noite é a hora que a gente mas gosta porque é a hora que a gente mete o pal no Judas, peda e etc..., a gente deruba ele do poste e começa a dar. Quando a gente cansa decha ele no hão e os outros que sai de casa atrasado, o resto que sobro do Judas eles dá nele mas do que a gente deu.

Estudante: A.S

Sexo: Feminino

Série: 6º ano.

⁶⁷ Respeitamos a escrita das crianças e adolescentes e fornecemos em nota de rodapé o texto corrigido.

Lá na minha rua a gente faz o Judas com muito cuidado por que se a gente não fizer com carinho o boneco não vai ficar do jeito que a gente quer.

A gente bota roupa nele, bota o sapato, o chapéu. Tem vezes que a gente bota um cigarro na boca dele. Quando chega meia-noite é a hora que a gente mais gosta porque é a hora que a gente mete o pau no Judas, dá chute, murro, pega faca, pau, pedra e etc... A gente derruba ele do poste e começa a dar. Quando a gente cansa, deixa ele no chão e os outros que saem de casa atrasados; o resto que sobrou do Judas eles dão nele mais do que a gente deu.

Texto 2- Malhação de Judas no seu bairro⁶⁸

Nu meu bairro os judas são feitado de por de madeira, camisa, causas, cocos, sapato, luvas. Si pindura nos poste, cadeira no chão e varias coisas até nas cruiz ele se pindura, botão cigaro na boca dele até vezes também botam gravata, botam camizinha com areia etc. Também como é doze horas varias pessoas matam ele e vários judas.

Estudante: B. S. A.
Sexo: masculino
Ano: 7º

Texto 3- Dia do Judas⁶⁹

Judas lá na rua onde eu moro faiz o Judas. Quando faz pendura no poste e quando é de meia-noite, porque no Dia do Judas por que foi ele Judas que maltrata Jesus. Este é muito triste para mim.

Estudante: V. B. S.
Sexo: feminino
Ano: 6º.

Texto 4- A malhação do Judas no meu bairro

Eu moro na Areia Braca. Eu matei isima do poste. O gudas é mau tratado, ele retrato Jesus etaul vamo retrata ele. O guda sera matado de

⁶⁸ No meu bairro, os Judas são enfeitados com pó de madeira, camisa, calças, cocos, sapatos, luvas. É pendurado nos postes, ou em cadeiras no chão, e várias coisas. Até nas cruzeiras se pendura. Botam cigarro na boca dele, até às vezes também botam gravata, botam camisinha com areia etc. Também como é doze horas, várias pessoas matam ele e vários Judas.

⁶⁹ Judas, lá na rua onde eu moro faz o Judas. Pendura ele no poste e quando é de meia-noite, porque no Dia do Judas por que foi ele Judas que maltratou Jesus e isto é muito triste para mim.

12h oras. No meu bairro teim coleca gi si paresi u gudas. O gudas e u ome gin traiu Jesus⁷⁰.

Texto 5- Malhação do Judas no seu bairro⁷¹

Judas é um homem que traiu Jesus e depois que Jesus foi preso ele se arrependeu (arrependeu) e se enforcou. Judas é um homem que foi muito falso para Jesus e por isso que eu não gosto de Judas. Ele é um falso, desmascarado e eu tenho nojo da cara dele. Se um dia eu ficasse (ficasse) de frente com ele, eu chamava ele de tudo por que ele é muito falso e eu nunca queria ver ele na minha frente. E na minha rua, ninguém gosta dele por que ele é falso, todo mundo tem nojo dele porque ele não sabe (soube) ser homem e amigo, ele só foi falso e nojento.

Estudante: M. W.S.

Sexo: Feminino

Ano: 7º

Texto 6- A malhação de Judas no nosso bairro⁷²

Judas é considerado: lá no meu bairro eles montar (montam) para às 12:00 horas da noite, eles dar (dão) porrada, tiroteios, chute, matam, outros abraça (m), beijos e etc.

Judas traiu Jesus com algumas moedas e depois ser arrependeu (se) e morreu sufocador (sufocado), e ele deu um beijo em Jesus.

Judas deu um beijo em Jesus que significa o beijo da traição que aquele que ele beijasse era o que seria preso, sacrificador (sacrificado) e ter morrido por nós.

Estudante: L. S. L.

⁷⁰ Eu moro na Areia Branca. Eu matei em cima do poste. O Judas é mau tratado, ele retratou Jesus então, vamos retratar ele. O Judas será morto (matado) de 12h. No meu bairro tem um colega que se parece o Judas. O Judas é o homem que traiu Jesus.

⁷¹ Neste texto optamos por fazer as correções entre parênteses.

⁷² Neste texto optamos por fazer as correções entre parênteses.

Sexo: Feminino
Ano: 7º

Texto 7- Malhação de Judas⁷³

O Judas para mim não significa nada por que ele traiu o meu pai do céu. E traiu Jesus com um beijo no rosto. Por isso que eu digo que nunca se inluda (iluda) com um beijo pois, foi com um que Judas traiu Jesus.

Estudante: K. G. B.
Sexo: Feminino
Ano: 7º

⁷³ Neste texto optamos por fazer as correções entre parênteses.

DATA / /

tema

William

12 anos

♥ malhacões de judeus ♥ no seu traizão ♥

Judas é um homem que traiu Jesus e depois que Jesus foi preso ele se arrependeu e se empolcou com Judas e um homem que foi muito falso para Jesus e por isso que eu não gosto de Judas ele é um falso desmascarado e eu tenho nojo da cara dele. Se um dia eu ficasse de frente com ele eu chamava ele de tudo por que ele é muito falso e eu nunca queria ver ele na minha frente, e na minha rua ninguém gosta dele porque ele é falso todos mundo tem nojo dele porque ele não sabe ser humano e amigo ele só foi falso e nojento

Escola estadual café filho

natal 28 de Março de 2007

Aluna mariana williane da silva

7º ano

IDENTIFICAÇÃO

um judeu e se tem um a meio que
PARA? com se juda PARA E com A MIGO
DARUA PARESE - COM U AMI JUDARUA
LADITOTO ANOTASIO JUDIA COM
ATODU PARACAMO MO RAVENADO JUBA
ADEMANA ADA

Escola Estadual café Filho

DE SE. E JOEROG

SERIE: 5º

A.N.º 6º

NOME: Sara Regina Escalante

28.03.01

MALHAÇÃO DE JUDAS NO SEU BAIRRO

NO MEU BAIRRO OS JUDAS SÃO JUDAS DE COCO CUMIDA
 ALGUNS TEM BONECO COPO COM ÁGUA SAPATOS E CALÇA
 E PLANO VELHO AS PESSOAS BOTAM OS JUDAS NOS
 POSTOS DAS CADEIRAS NA AREIA NO CUMPO E PIMANHA ELAS
 EM ALGUM CANTO OS JUDAS SÃO COMUNITARIOS DUMO MALUS
 DE NOITE-NOITE AS PESSOAS BATA NLES RAISGAM O
 PLANO TEM PESSOAS QUE LIGAM OS JUDAS JOGAM PEDRA
 PASSAM O CUMPO POR SIMBA DELE JOGAM FILMA DE TEMA
 COM OS JUDAS OS JUDAS SÃO MUITOS IMGRAS ROS
 COM O ESTILOS DE. TEM MUITA GENTE QUE JOG O JUDAS
 QUE MUITAS PESSOAS QUE COMEÇAM OS OUTROS QUE
 NUM BONECO OU BONECA DE PAVO OS JUDAS SÃO ■
 JOGADOS NAS PISTAS NOS RIOS E NAS ESPINHOS TAMBEM
 OS JUDAS NO MUNDO COMEM A CABEÇA DELE ANIMAM OS
 BENS DELES OS OUTROS AS PESSOAS DÃO PAULADA DO
 MUNDO DELE SÃO BOTADOS NAS CRUZ EM SIMBA DOS
 MUITAS DAS POSTAS EM SIMBA DAS CUMIDAS SÃO
 ESMAÇADOS PELOS OS CUMIDAS. MAS CHEGA A HORA DE
 ACABA COM A MALHAÇÃO COM OS JUDAS AI SÓ DE-
 POIS MAS NÃO ACABA FIM

ESCOLA ESTADUAL CAPI FILHO7º ANOALUNO = RENATO FERREIRAS DE VASCONCELOS

(/ /)

A MALHAÇÃO DE JUDAS NO MEU
BAIRRO

UMA MEU BAIRRO NOIR FASAMO ASI FASAMO O BONECO CAPESA DE COCO
CAMISA, CHUTE, UM BANDO IROLATO E SEU COPO VICATO A ROPA A TIÇA
BATEAMOS NELE, VASEAMOS ASI CHUTAMOS ELE MODARICA BUIAMOS
ELE NA RUA PARA O CARRO PASSA ISIMA DE POIS DI SO LEVAME PARA PRAI
AVOGAMOS ELE I DERAMO NAARCA
DE POIS LAVAMOS DARA ARUA BATEAMOS NERE
VICA TEAOIC DA NAORA PITURAMOS NUPOLTE A RAMES PUEO POCARSO
ISIPUA MIOZ ATE AIS TOSSE PRAS BATE MOS NER I PRODUIMO
CINAMOS ELE

FIM

8 E. CAPE FILHO DE Y^o E Q^o C^o
SERIE 5^o
ANO 6^o

Yuru eleffson Ferrnados de
Oliveira



5ª série

E.E. cari Filho 6º ano

28/03/07

o judas é muito legal também tem muita coisa legal também tem Panta Pé no meu Vairo tem muita coisa legal. tem muitas : judas é muito legal da mais eu tenho amigo chamado judas ele é muito maneiro e também radical.

Leandro Matheus Ferreira Lacerda de Barros

18-05-07

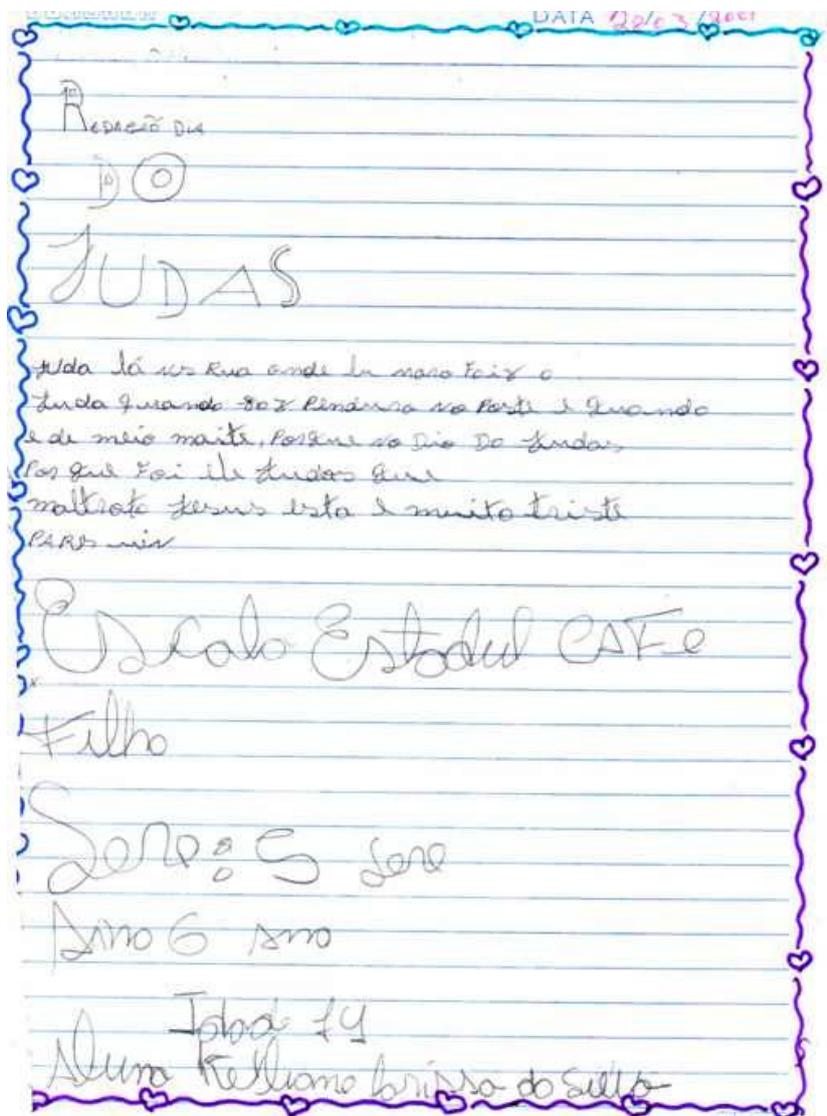
Malhação de Judas

Bauco → Remoção

A gente lembra o Judas batendo nele: suspiros, mãos, pernas, cabelo, boca um homem de cabelo, mãos de papalão, luto, passamos de de Mulher passamos: batem nele batemos, eu não os vejo. elepau, na hora de matar de 12:00 horas nós jogamos, ~~o~~ pedra, estalo, pau, uia, queamos ele também suspiros a roupa dele, uspalhamos o umato no meio da sua de Argente voltz. que ele é um Kadia, mambundo, homem deus, pichado, um yogeno e etc...

O Judas pra mim não significa nada por que ele traiu o meu pai e o meu. e traiu com um beijo no rosto de Jesus. porque que eu sou que nunca se envolve com um beijo pois foi com um beijo que Judas traiu Jesus.

Exata Estrada de Lige filho
 natal, 28 de março de 2007
 volume: Kikuchi Gomes de Brito
 serie: 6: Ano 7



28/07/02

Amalhação do Judas

no meu bairro o Judas, é tratado
 A São Primitivo a festa junta os meninos
 do bairro de Pass a festa vai que cubra os nomes
 do Judas na Yisimacá quando a festa acha
 tudo Nainomia to busca umis paus
 para fazer a amalação do Judas
 quando a festa tem o papel do pau de arco de arca
 e o Judas a festa pega os nomes de todos os paus
 dentro do lenche de folha e amala levamos
 o Judas para fora para todo mundo da Vila
 quando da meia noite a festa pincha
 ele num peso e o tra de mata
 tudo tanto do mundo cartomas a corola
 e miltemas o pau que a alma do bobone
 na da em raio e duramos as festa
 isto camara 10 So.

Gutemberg P. Silva

6º ANO

(Escola Estadual este livro



28/03/07 ESCOLA ESTADUAL CAPE FILHO
ALUNO: FRANCISCO SENIRE, SERIE/6 ANO
A MANHÃ DE OUBA NO MEU BAIRRO E ASSIM
A CALERA VAI FAZENDO O OUBA LOGO DE TARDE
REGA OS MATO REGA UMA ROUPA VELHA, UM CASACO
E UMA CAMISA UM SAPATO, E UM CHAPEU, OCULOS, E
AMARRA NO PASTE DEICHA TODO AMARRADO E DEPOIS
ELA VAI FAZER MAIS PARA BOM NOTRO PASTE,
E AGALERA TODA FAZENDO E DEPOIS QUE TERMINA
E SÓ ESPERA DA DOZE ORA DA NOITE E
REGUE FACADA ATÉ DESTRUIR ELE TODO É NA VAI
PRÓ OUTRO, DALE SÓ FACADA ATÉ BAISGA TODINHO
E TICA DO O MATO É PEDASO DE PANO NO CHÃO.

11

A Malhação de Judas

A Bineca Dora no Vitiinan

Pegamos panas e roupas velhas -

muita Rala um caço e uma ganga-
di cana seca e uma Rinha de Sigara Arumamos -

tudo esalmas em Rasiata para mostra au-

Para a traída de fura na P. Rosima Aharadu-

12 ohas Priduramos e Judas no Brasil -

Pegamos Pan e o ti F. as para conta o Judas -

i Tambem FA Zimos mascarado Papel para

Cate nas Rua

Gustavo Amaro Felipe Augusto

LADERSIL

E. E. Café Filho

28/03/07

Aluna: Claudina da Silva Oliveira

Natal 28 de Março de 2007

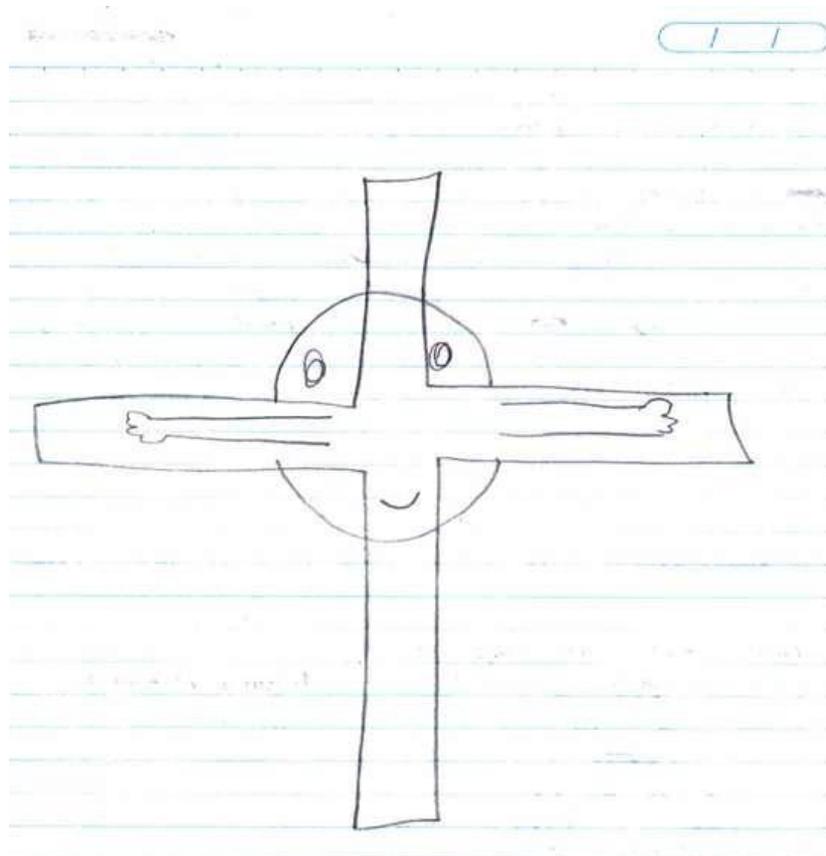
Turno: Vespertino Turma: 7º ano

Tema: Malthação de Judas no seu bairro.

No meu bairro se comemora assim: Primeiro as preparativas, fazem o boneco de pano ^{que significa Judas} e de pau. Sem mais tarde umas meia noite passa, começa a uma gritaria danada e também começam a bater no Judas e assim com batendo um pouco e comecem a dar palmadas e depois lá pelas 03 machugada acabam.

Motivo

O motivo de fazerem isso com o boneco de Judas é porque Judas era um dos discípulos de Jesus e ^{deu para ele Judas traia} Jesus com o preço que ^{por causa desse} preço Jesus foi crucificado.

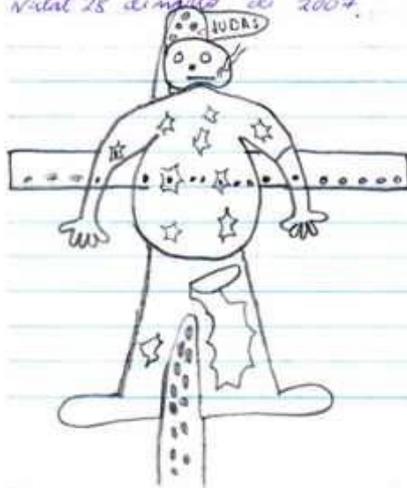


Bruno Soares de Araújo

temas

malhação de judeus no São Paulo
 na meu país
 Os judeus não fofos de por de medicina com a
 caíram caíram no país judeus no São Paulo
 na parte cada um no caso a maioria caíram ali
 na cura de si mesmos e não sabem se são
 de lá de virgem também sabem quanto sabem corrigida
 com um de também como a 10% homem também
 também matam ele a maioria judeus

Grata Estadual café Filho única
 natal 25 de março de 2007. Inúmia 6º ano 78
 p/ Verbatim



~~BEVINDO~~
Concurso
Redação
"A malhação de Judas no meu bairro"
Como RONAREI Boca e matei usucado. Pato
Urenda e manha todo, e le Retra To Jesus e Tavel Vamo-
Retrato de, Urenda SERA me ta de 12h 0 Pas
me Utra Ro Teimca lica Gisila PERI Urenda
Urenda e Urenda intrai Jesus

ESCOLA ESTADUAL CAPELÃO
DE SÃO CARLOS
SÉRIE 5ª
ANO 6º
NOME: BEVINDO

(28/03/07)

CONCURSO RELEÇÃO

"A Malheção de Judas no meu Bairro"

Lá na minha rua A gente faz o Judas com muito cuidado por que se A gente não fizer com cuidado o Bicho não vai ficar do jeito que A gente quer.

A gente Bota a Roupa nele e Bota o Chapéu o Chapéu sem vezes que A gente Bota um Cigarro na boca dele.

Quando chega meia-noite é a Hora que A gente mas gosta porque é a Hora que A gente tira o pal do Judas, dá chulé, murro, pega faca, pal, peda e etc... A gente deitaba ele do poste e começa a DANçar quando A gente Consta decha ele no chão e os outros que são de casa atrasado, o Bicho que sobra do Judas eles dá nele mas do que A gente deu.

Escola Estadual Café Filho
De 1º e 2º grau
Série: 5ª Ano: 6ª
Nome: Angela dos Santos



TEMA: MALHAÇÃO DE JUDAS NO
NOSSO BAIRRO

Judas é considerado: Lá no meu bairro eles mantêm para as 12:00 horas da noite eles dão porrada, tiratelas, chute, matam, outros abraça, beijos e etc.

Judas traiu Jesus com algumas moedas e depois se arrependeu e morreu suspirando e ele deu um beijo em Jesus.

O que significa: Judas deu um beijo em Jesus que significa o beijo da traição que aquele que ele beijasse era o que seria preso, sacrificado e ter matado por nós.

Bairro: Brasília Teimosa

NOVA: Karen Silva De Lima

série: 7º ano

Escola Estadual Capi Filho
Atal, 28 de março de 2002

Escola Estadual Inês Távila
 Aluna: JAZIAAN? HIZLE? VITORINO DA SILVA.
 Data: 05 de Maio de 2007.

TEMA:
 Malhacões
 DE
 Indos

CHARTE:
 Brasileira Teórica NB
 Man
 Baixo

No meu baixo os mininos fogem se referindo a algum que eles não gostam de fazer se for mulher ou homem, menino ou menina e se for mulher fogem com a banca caída com os pés grandes e com um narizinho, se for homem eles colocam um sapato como camião de lixo grande e se for de menina mais ainda, se for um menino eles colocam um chato de menina um cutie um dia-dma, e se for um a menina eles colocam um bermudão um sapato maquiagem e

Eles xingam em um poste e começa a bater e nele sempre fogem fúria e raiva e das atitudes.

Escola Estadual Cajá Filho
 Natal, 28.03.07 Turma: 7º ano
 Aluna: Jhenyfs Kátien

Malhação do Judas no seu Bairro

Judas traiu Jesus depois Judas
 se a repudia e foi enforcado e tudo
 isso os missionários fez um boneco
 do Judas e dançaram Judas batem
 nele com de pau crava a cabeça os
 braços as pernas quando o corpo dele.

Depois de montar seu amanhara
 os pedaços do boneco de Judas um
 para pra car um para pra
 e lá e a sua parte mais um lixo
 de donde pedras do Judas etc.

Alunas Univas Belém do Serto.

REDAÇÃO DIA

DO
JUDAS

Judas foi um Povo onde eu Moro Faço o
Judas grande fog. Pinduro do Peste e quando
e de mais muito. Porque no dia do Judas
Por que foi ele Judas que
maltrato Jesus este e muito triste
PPPP MUA

Escola Estadual Cafe

Filha idade: 13.

Serie: 5ª Serie

Nº: 6 Ano